



# Isso tudo é encantado

*Florêncio Almeida Vaz Filho  
Luciana Gonçalves de Carvalho  
(Editores)*

Presidente da República  
**Dilma Vana Rousseff**

Ministro da Educação  
**Aloizio Mercadante Oliva**

Secretário de Educação Superior  
**Amaro Henrique Pessoa Lins**

**Universidade Federal do Oeste do Pará**

Reitor  
**José Seixas Lourenço**

Vice-Reitor  
**Clodoaldo Alcino Andrade dos Santos**

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e  
Inovação Tecnológica  
**Marcos Ximenes**

Pró-Reitor da Comunidade, Cultura e Extensão  
**Cláudio Scliar**

**Programa de Extensão Patrimônio  
Cultural na Amazônia**

Coordenadora  
**Luciana Gonçalves de Carvalho**

Vice-Coodenador  
**Bruno Alberto Paracampo Mileo**

**Rádio Emissora de Educação Rural de Santarém**

Diretor  
**Pe. Edilberto de Moura Sena**  
**Programa A Hora do Xibé**

Coordenador  
**Florêncio Almeida Vaz Filho**

Apresentadores  
**Heloína Maria dos Santos da Cruz**  
**Inácio Lima Junior**  
**Maria Luciene Gama Santos**  
**Sâmela Ramos da Silva**  
**Veraneize Sousa dos Anjos**

Ficha técnica

Editores

**Florêncio Almeida Vaz Filho**

**Luciana Gonçalves de Carvalho**

Assistentes de edição

**Greyce Helen Lira Vidal**

**Hérico Felipe Bastos Pereira**

**Kamila Poliane Pereira de Melo**

**Katrine Soraia Silva de Almeida Lins**

Revisora de texto

**Vera Abrão**

Ilustrador

**Paulo Botelho**

Capa

Fotografia

**Luciana Gonçalves de Carvalho**

**Florêncio Almeida Vaz Filho**

Projeto gráfico

**Ad Intra**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)  
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – SIGI/UFOPA

I86 Isso tudo é encantado / Florêncio Almeida Vaz Filho e Luciana Gonçalves de Carvalho (Ed.). – Santarém:  
UFOPA, 2013.

126 p.; il.

Obra que reúne entrevistas realizadas por Florêncio Almeida Vaz Filho para o Programa Hora do  
Xibé, da Rádio Rural, em Santarém-PA, entre 2007 e 2013. Financiamento PROEXT/MEC 2011.

ISBN 978-85-65791-13-7

1. Cultura popular - Narrativas. 2. Encantaria. 3. Memória. I. Vaz Filho, Florêncio Almeida, ed. II.  
Carvalho, Luciana Gonçalves de, ed. III. Título.

CDD: 23 ed. 306.4098115



# Sumário

Apresentação .....	7
Introdução .....	11
O bicho na boca do Tauari .....	43
A cobra grande do Pirarara .....	47
A guaribambóia.....	50
A camará .....	53
Dinaldo furou o boto.....	55
O boto, o rapaz e a namorada .....	60
Medo da cabeluda .....	63
O Lavrajé .....	66
Eu engravidei de bicho .....	68
João de Piligrino e o jacu .....	72
O vulto no cemitério .....	74
Seis horas da noite, no caminho da pescaria.....	76
Escutei na minha casa .....	79
Os visitantes.....	82
O capote.....	84
O curupira no caminho.....	86

A casa da mãe do mato .....	89
Acordo com a curupira .....	91
Assovio de curupira .....	93
O mato tem dono .....	96
O gritador .....	98
Jurupari não grita mais.....	101
O tesouro enterrado .....	102
Merandolino cobra grande.....	107
Ponta do Toronó, lugar do Merandolino .....	109
Maria Rosinda .....	110
Seu Norato .....	111
Noratinho e Mariinha .....	113
Pedra da Jandira encantada .....	118
A equipe .....	120

# Apresentação

O Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia (PEPCA) foi criado na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) em 2010, com o objetivo de atender à crescente demanda por agentes capacitados para desenvolverem ações de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural na região do Baixo Amazonas, sobretudo nas linhas de produção, documentação e difusão de conhecimentos, a partir de metodologias e instrumentos atualmente usados em todo o Brasil, bem como de formulação e implantação de estudos e políticas públicas de patrimônio cultural. Assim, o programa estrutura-se em duas frentes de trabalho – uma de pesquisa e outra de gestão do patrimônio, que se entrecruzam e se comunicam na execução de investigações etnográficas e experiências práticas junto a diferentes grupos sociais no contexto regional.

Desde sua implantação o programa tem reunido professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento e níveis de formação, atentando para a interdisciplinaridade com que seu objeto exige ser tratado. O apoio financeiro concedido pelo PROEXT/MEC permite o desenvolvimento de vários projetos caracterizados por metas, métodos e abordagens teóricas diferenciadas, conforme as realidades e os problemas específicos enfocados em cada localidade de atuação. Todas

as ações convergem para o tema amplo do patrimônio cultural, entendido como o conjunto de bens, processos, práticas e expressões tomadas como referências culturais pelos grupos sociais na região, enfatizando-se a interface daqueles com seu patrimônio natural e seus direitos coletivos.

Em 2013 o PEPCA estabeleceu parceria com o projeto extensionista *A Hora do Xibé*, o qual se dedica à difusão de histórias, receitas, memórias e conhecimentos de indivíduos e grupos da região em um programa radiofônico homônimo, veiculado regularmente pela Rádio Rural de Santarém, desde o ano de 2007. Dessa parceria surgiu a proposta de publicar em meio impresso uma seleção de histórias maravilhosas/assombrosas – ou histórias de encantos, em termos mais regionais que não deixam de ser percebidas como histórias reais – previamente gravadas para o programa de rádio. Nasceu assim este livro, editado e burilado sobre um repertório de registros orais bastante heterogêneos.

Valorizando o universo narrativo das populações ribeirinhas do Baixo Amazonas, segmento social que mais colaborou na formação do repertório abordado, o livro pretende não só difundir as histórias contadas, mas também chamar atenção para cosmologias locais e representações emblemáticas das relações entre os homens e os seres da natureza, dos trânsitos entre espaços e estados sociais diferenciados. Por trás das histórias, regras, prescrições, sanções, expectativas, frustrações, esperanças, crenças, ensinamentos e emoções que conformam as tradições orais regionais – e que, em função das descontinuidades entre a fluidez da oralidade e a rigidez da escrita, talvez percam em parte seu alto senso estético, aquele que nos atíça o gosto, quando ouvimos atentamente uma história contada por um bom narrador. Fica então para o leitor a tarefa de imaginar nos textos o chiado da água nas pedras, os galhos quebrando na floresta, os

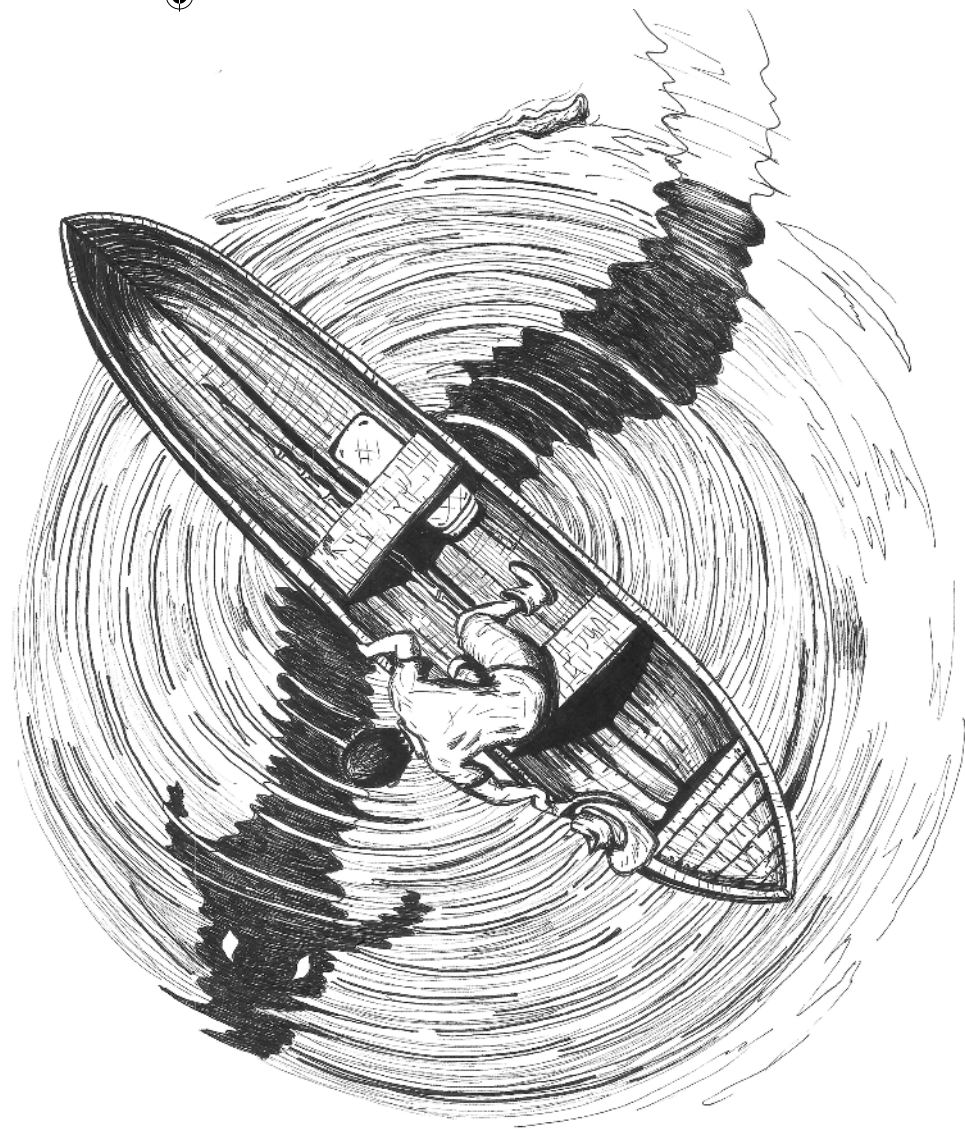


gritos dos bichos, os hinos dos encantados e o muito mais que as histórias insinuem.

Vale chamar a atenção para algumas opções feitas na transcrição das narrativas e na grafia de certos termos. À exceção de alguns trechos editados, porque eram atravessados por interferências que prejudicavam a compreensão dos fatos narrados, os textos apresentam-se tal como foram registrados na pesquisa. Propositamente são preservadas as marcas da oralidade, do linguajar popular e das expressões típicas da região, que vêm sinalizadas em *itálico* para efeitos de distinção da norma culta da língua portuguesa.

Luciana Gonçalves de Carvalho





# Introdução

Uma das principais características dos moradores do interior da Amazônia é gostar de contar e de ouvir histórias. Basta que alguém comece para que um grupinho se reúna para escutar e – pronto! – a conversa vai longe. Pode ser na frente da casa ou na cozinha, debaixo de uma árvore ou na beira do rio. Uma história lembra e puxa outra. Aí se vê que quase todos tem alguma experiência para relatar. Claro que normalmente se referem a terceiros que teriam vivido o fato e que lhes teriam contado. Não importa, pois de alguma forma contar e ouvir histórias já é uma prazerosa experiência. Porque o momento dos relatos, que tradicionalmente ocorre no início da noite, com pouca luz e algo de medo e mistério, envolve a todos no clima mágico das próprias histórias.

- 1 O Putaua [lê-se putáua] é uma palavra do Nheengatu muito antiga na região do baixo rio Tapajós – Bettendorff ([1698] 1990, p. 161) escreveu putabas, no plural - e significa o costume de uma pessoa e/ou família doar um pouco de alimento (carne de caça, pescado ou frutos) a outra família, que lhe retribui, imediata ou posteriormente, com outra porção de alimentos. A palavra ainda é usada no baixo rio Tapajós. Putaua, literalmente, é aquilo que se dá, um presente, que carrega consigo a obrigação da retribuição. É uma troca ritual. No fim, é uma rede de troca de presentes que muito contribui para a distribuição geral de alimentos na comunidade, evitando o acúmulo em algumas casas e a escassez em outras.
- 2 Adotamos propositalmente a inicial maiúscula para a grafia do nome desses entes. Afinal, o Boto não é o mesmo boto (animal), mas a personificação de um ser encantado. O mesmo para a Cobra Grande, que não se confunde com qualquer cobra de tamanho avantajado, e para a Curupira, que é um personagem da floresta.
- 3 Observe que a palavra tradição vem do latim *traditio*, que significa transmissão, aquilo que é transmitido do passado para o presente, ou seja, o que é repassado para as novas gerações. A tradição das crenças do imaginário do Baixo Amazonas, com a qual vamos trabalhar aqui, exemplifica isso muito bem. É através da memória oral que estes saberes têm sido transferidos de geração para geração, sempre incorporando as novas realidades e linguagens das épocas sucessivas.

Os ribeirinhos e moradores das áreas rurais são os que mais conservam estes contos. Certamente porque ali predomina a oralidade e a cultura da reciprocidade: troca ritual de comida (*putaua*)<sup>1</sup>, de trabalho (*puxirum*), plantas medicinais e visitas intercomunitárias (torneios de futebol e festas). Viajar pelo interior do Pará e conversar com um(a) morador(a), é sentir o quanto este mundo mítico está presente na sua cultura. Aliás, não apenas no interior, pois mesmo nas cidades pequenas e grandes as pessoas gostam muito destas histórias. Afinal, nossas cidades e até mesmo as metrópoles amazônicas tem um pé no interior. Manaus, por exemplo, é habitada por milhares de pessoas que migraram das pequenas *comunidades* do médio e baixo Amazonas. Parte delas, vai e vem, levando seus sonhos e suas crenças em *encantados*, *bichos* e *visagens*. Cidades médias como Óbidos, Santarém e Alenquer, possuem os dois pés no interior. E quem não nasceu no interior tem pais ou avós que nasceram ou que de alguma forma conviveram com a realidade das encantarias dos pequenos vilarejos. Assim, mesmo para os mais jovens das áreas urbanas as histórias de *encantados* não são estranhas.

Os temas das histórias relatadas neste livro são familiares para a maioria dos leitores da região amazônica. Boto, Cobra Grande e Curupira<sup>2</sup>, entre outros, são temas recorrentes no imaginário local. E são contados e recontados porque eles têm uma grande importância dentro do conjunto das crenças dos moradores da Amazônia. As pessoas gostam e desejam ouvir e contar histórias, porque estas refletem a sua visão de mundo e ao mesmo tempo reforçam a memória local e os seus laços de pertença a um território e a uma comunidade. É interessante que tais histórias não são aprendidas na escola, mas todos as conhecem em algumas das suas variações. É que esta tradição<sup>3</sup> é repassada principalmente pela memória oral e não pelos livros. Digo mesmo que estas histórias persistem e se reproduzem apesar

da escola, que as joga numa caixa onde está escrito “superstições e crendices”, ou ainda “lendas”, termos que significam algo que não merece crédito, que não é verdadeiro.

As histórias de *encantados* são importantes também devido a sua característica essencialmente coletiva. Os relatos, feitos em grupos, supõem uma crença partilhada entre quem conta e quem escuta. No fundo todos já sabem sobre *bichos que viram gente e gente que vira bicho*, e é isso que torna prazeroso escutar mais um relato particular que traz novas confirmações sobre o já acreditado. E quem escuta não fica passivo, apenas ouvindo, mas tem participação ativa e direciona os relatos.

Se estas histórias são repassadas principalmente pela tradição oral e não pelos livros, como surgiu este livro, então? Foi assim. Os anos de 2005 e 2006 em Santarém foram marcados por intensa polémica sobre a implantação do porto da empresa Cargill. Empresários oriundos do Sul e Centro-Oeste e os defensores da vida da empresa demonstravam um claro desprezo pelo modo de vida dos nativos da região, a quem acusavam de “preguiçosos” e de serem contra o “desenvolvimento”, e divulgavam a ideia de que o porto da empresa transnacional significaria o desenvolvimento da região através do agronegócio da soja. Também no final de 2006 a Prefeitura de Santarém instituiu a Educação Escolar Indígena nas *comunidades* onde havia famílias que se identificavam indígenas. Foi o estopim para que alguns grupos reagissem de forma preconceituosa contra os indígenas dizendo que estudar nessas escolas seria “andar pra trás”, que os estudantes iriam andar nus etc. Isso era dito abertamente nos jornais e nas rádios.

Diante do avanço dessas ideias sobre os moradores da região e os indígenas, foi que em janeiro de 2007, criamos na Radio Rural de Santarém o programa A Hora do Xibé<sup>4</sup>, com o objetivo de “valorizar e divulgar a história, a cultura, os valores e

4 Apesar de constar “chibé” no Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), preferimos escrever xibé, por se tratar de uma palavra indígena (Tupi/Nheengatu). Pode-se tomar o xibé sozinho ou com peixe ou carne. Alguns preferem xibé com pimenta, outros colocam açúcar e até limão. Sabe-se que é alimento muito sustancioso e, quando cozido, chamado caribé, “levanta até defunto, de tão forte que é”.

a identidade das pessoas e comunidades nativas ou originárias da região amazônica, especialmente as do Baixo Amazonas”. O nome do programa destaca uma comida que é símbolo do modo de vida dos moradores do interior da Amazônia: o singelo *xibé*, feito apenas de farinha de mandioca e água, que quase todos bebem, ainda que alguns tenham vergonha de admitir. Através desta comida menosprezada publicamente queríamos valorizar toda a riqueza da tradição cultural dos moradores da região.

O programa A Hora do Xibé passou a ser apresentado por uma equipe de voluntários, entre 12:30 e 13:00, três vezes por semana, divulgando músicas de artistas regionais, remédios caseiros, histórias e mitos gravados com os próprios moradores<sup>5</sup> e informações sobre a história e a cultura local. Temas da atualidade são comentados, sempre buscando o ponto de vista dos nativos da região, que participam intensamente da programação, seja por carta, pelo telefone e ao vivo no estúdio. A receptividade por parte do público foi enorme, tanto que o programa já vai completar sete anos de vida.

No quadro “Dicionário Papa-Xibé”, explicamos as palavras e expressões comuns na região (muitas originadas do Nheengatu), não como um *falar errado*, mas como expressões típicas da cultura local. As histórias e mitos contados pelos moradores com seu próprio linguajar são mostrados como estando associados também às crenças locais, sem o apelo ao “folclórico” ou “supersticioso”, mas afirmando a validade daqueles modos de sabedoria popular. E, vemos que nas *comunidades* todos têm muitas histórias para contar. O que faltava era oportunidade e espaço para fazê-lo para um público maior.

---

5 As gravações são feitas por mim mesmo por ocasião das minhas viagens nas aldeias indígenas e comunidades ribeirinhas. Os informantes sabem que seus relatos serão divulgados no rádio ou usados em minhas pesquisas antropológicas.

E assim, nestes sete anos, o programa A Hora do Xibé acumulou centenas de histórias. Pensamos que, por ocasião dos 50 anos da Radio Rural, a serem celebrados em 2014, seria

muito bom publicar num livro algumas destas histórias para que pudessem ficar documentadas através da escrita e alcançar outro tipo de público, além dos que a rádio já alcança. O esforço maior seria somente selecionar as histórias. E com o apoio do programa de extensão Patrimônio Cultural na Amazônia da Ufopa, essa ideia se tornou possível. Esta seleção é uma pequena amostra do que temos no nosso acervo. Muito mais gente contou histórias que poderiam também estar aqui. Mas ficam para um próximo volume. Afinal, se o público gosta de escutar e ler histórias, A Hora do Xibé tem muito que contar.

Ao contrário do que parece, entender o que dizem estas narrativas constitui um desafio intelectual, já que nem todos os leitores compreendem as formas de pensamento dos moradores do interior da Amazônia a partir de dentro mesmo do seu mundo. Nos centros urbanos principalmente, há uma visão estereotipada de seus saberes como superstições, do que são exemplos a expressão *histórias de pescador* e os termos *causos e credices*<sup>6</sup>. Sem uma correta compreensão do contexto e das simbologias do mundo amazônico e do que são estes relatos orais, estas histórias escritas correm o risco de não serem entendidas naquilo que elas querem dizer. Por isso, coloco aqui algumas observações que devem ser consideradas como chaves de leitura, pistas.

De início, consideremos que esta forma de apresentação escrita dos relatos é bem diferente da sua primeira forma: oral e coletiva. Os relatos foram retirados do seu contexto que é a comunidade narrativa (pessoas que contam e pessoas que ouvem juntas), ou o grupo onde as histórias são contadas, o ambiente da tradição oral. O universo narrativo é um bem coletivo. Nesse contexto, o ouvinte não é um agente passivo. Ele é parte importante no processo, pois a sua reação atenta e participativa diante do contador (que se serve do tom da voz, expressões

---

6 Contribuem com esta visão alguns programas de rádio e de televisão e músicas que ridicularizam o falar e o modo de vida do morador das áreas rurais amazônicas, chamados pejorativamente de cabuco ou caboco. Estas pessoas são apresentadas como matutos, bobalhões, tolos, ingênuos, incultos e não civilizadas. O leitor já deve ter notado que não usamos sequer o termo lendas, bastante comum no ambiente escolar e artístico para se referir a estas histórias.

faciais, gritos ou assovios, gestos etc.) influi e muito no resultado, na performance deste. Quem está contando histórias depende do semblante de surpresa, curiosidade, prazer ou temor, da atenção, das risadas, enfim, de todas as reações dos ouvintes. O ambiente físico, normalmente, é o início da noite, com os sons da natureza e sem a poluição sonora típica dos centros urbanos.

Na comunidade narrativa não há uma rígida distinção entre contadores de histórias e ouvintes. Quem é ouvinte num momento pode lembrar-se de outra história e, em seguida, passa ser um contador, pois cada ouvinte é também um contador de histórias. É como disse Renilda Rodrigues Bastos (2000, p. 72), ao comentar Paul Zumthor (1997), “uma história é como um jogo. O contador é um jogador que forma com os ouvintes uma ‘comunidade lúdica’. Sim, porque ouvir e contar é um jogo”. E a preservação da memória social no interior da Amazônia tem dependido e muito deste jogo.

No seu contexto oral, o relato tem uma enorme carga de vivência e de realidade. Mesmo sob uma linguagem associada à fantasia e ao sobrenatural, é a experiência vivida que sustenta aquele jogo de relatos, onde todos contam e todos escutam. Ainda quando alguém diz que está apenas transmitindo uma história que ouviu de outrem (“Eu só conto porque minha avó contava”), esta é uma das várias dimensões do vivido. É um que conta a história vivida pelo outro. Mas quem conta só o faz porque acredita na possibilidade real da história (“Mas ela disse que isso aconteceu mesmo”). Se pensarmos em uma possível distância em relação à verdade, entre os que contam o vivido pelos outros e os que contam o vivido por eles mesmos, a diferença é muito pequena. É claro que quem diz “Eu conto porque eu vi mesmo” impressiona mais e imprime mais confiança nos ouvintes. Porém, como duvidar de quem diz “Foi o próprio Zeca, meu primo, que me contou que ele viu aquela *misura* lá na beira do igarapé”?



Você que lê estes relatos agora, provavelmente lê sozinho, em silêncio ou com a voz baixa e em um ambiente bem diferente daquele onde a mesma história foi contada. Você não poderá ter as mesmas emoções de quem estava atento, escutando e vendo o contador. O texto transcrito não traz toda a riqueza do relato ao vivo, das suas condições reais (BASTOS, 2000). Mas esta lacuna não é intransponível, ou ao menos pode ser atenuada. E estas palavras iniciais querem lhe ajudar a fazer a viagem para o mais próximo possível do ambiente e do ponto de vista daquela comunidade narrativa lá na beira do rio no Baixo Amazonas. Através de outras leituras, você poderá entrar ainda mais neste mundo. Leia, por exemplo, “Santos e Visagens”, de Eduardo Galvão (1976), “Padres, Pajés, Santos e Festas”, de Heraldo Maués (1995), “Cultura amazônica – uma poética do imaginário”, de João de Jesus Paes Loureiro (1995) e “A Festa do Boto”, de Candace Slater (2001). Só para começar.

Outra observação importante para o leitor é que aqui estamos entrando no campo da linguagem mítica e da imaginação poética, que é outra forma de expressar a realidade. Neste sentido, não cabe perguntar se o Boto se transforma mesmo em gente ou se a Cobra Grande existe de verdade. Devemos nos perguntar *que* verdade está por trás destes relatos míticos. Porém, no campo do conhecimento, a palavra *mito* já entrou para as línguas ocidentais rebaixada em 1830 como o equivalente a falso, fictício ou sem referência comprovável (BROTHERSTON, 2000). Isso era fruto do cientificismo da época, que separou a história política e social do mito. As ciências naturais se encarregaram de contar uma versão da origem da vida baseada em outras evidências. Não havia mais espaço para a imaginação, para os mitos. Apesar do esforço de antropólogos como Lévi-Strauss - que reuniu nas suas *Mitológicas* os mitos de vários povos indígenas americanos - e de outros pesquisadores que publicaram os mitos clássicos indígenas que

sobreviveram à colonização, ainda hoje persiste a ideia de que, frente à verdade científica, os mitos não merecem crédito, pois são a não verdade. Este nosso livro traz verdades através dos mitos.

Estas narrativas míticas e crenças que povoam o imaginário amazônico contêm explicações para a origem e a forma como se apresentam os fenômenos naturais e sociais hoje. Elas fornecem o material para se conhecer as maneiras de o amazônida pensar, ver e estar no mundo. Elas trazem as suas perspectivas filosóficas sobre a vida, a relação dos vivos com os mortos e com a natureza. Fazem parte da religião e da ciência dos povos da Amazônia. Walcyr Monteiro, antropólogo, jornalista e escritor, afirma que estas crenças estão para a cultura dos moradores da Amazônia de hoje assim como a mitologia grega estava para a cultura dos antigos gregos<sup>7</sup>. Não é exagero falar assim. E que estes mitos amazônicos estejam bem vivos após séculos de negação e desprestígio é quase um milagre. E aí estão com suas lições para sustentar “a resistência secular contra o imperialismo e a ganância econômica do Ocidente” (BROTHERSTON, 2000, p. 289).

A cosmovisão dos moradores da Amazônia é centrada na existência de espíritos que são chamados de *encantados*, que vivem nos rios e nas florestas, ao lado ou muito próximo dos humanos. Uma das formas que eles tomam é a de *Mães*. Existem as *Mães* dos animais, que são as entidades protetoras de cada espécie: a *Mãe* do jacamim, a *Mãe* do inambu etc. Os lugares têm suas *Mães*: a *Mãe* do igarapé do Jurará, a *Mãe* da ponta de pedras do Itapara etc. Árvores muito grossas, como as samaumeiras, também têm *Mães*. Essas *Mães* estão sempre atentas para proteger os animais, os lugares e as árvores da ação dos humanos. A mata fechada é habitada por seres conhecidos como *bichos*, que são muito temidos<sup>8</sup>, como o Mapinguari, o Jurupari e os Kunauaru. As pessoas tem mais medo destes *bichos* do que do Curupira, com

7 Walcyr Monteiro é o autor de “Visagens e Assombrações de Belém”, livro lançado em 1985 e que já passou por várias reedições. Escreveu outras obras dedicadas ao tema das crenças amazônicas. Fonte: <http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-83724-LENDA-S+PARAENSES++VIVAS+NO+IMAGINARIO+POPULAR.html> Acesso: 05.08.2013.

quem é possível conviver. As *visagens*, associadas às almas dos mortos, costumam aparecer na área urbana da *comunidade* ou nos caminhos. Esta crença é tão forte que tem reflexos nas atitudes e expectativas cotidianas destas pessoas, nas suas relações sociais e manifestações culturais e até na economia dessas *comunidades*.

O universo amazônico tem uma realidade material e outra espiritual bem conectadas e ordenadas em quatro níveis<sup>9</sup> ou dimensões: [1] no *fundo* das águas (rios, igarapés e lagos) estão os *encantados* ou o *encante*<sup>10</sup> - é um mundo mágico que não podemos ver sempre, a não ser quando alguém de lá se apresenta a nós, ou quando alguém de nós é levado para lá pelos *pajés* ou em sonho; [2] mais acima estão os espíritos ou *bichos* da terra, que habitam no interior da floresta fechada, nas árvores grossas, nas *baixas*, pontas de pedras e caminhos - são como os *encantados*, mas não habitam *idades encantadas* como aqueles. Os *bichos* do mato moram em seus pontos isolados, nas suas *casas*. As *visagens*, que aparecem nos povoados e nos caminhos, estão neste nível; [3] no mesmo mundo físico, mas numa dimensão diferente, estão os humanos e os demais animais selvagens e domesticados, plantas e minerais e; [4] Muito acima destes três níveis estão o céu e o inferno cristãos, lugar de Deus, dos santos e das pessoas boas e lugar dos demônios e das pessoas más, respectivamente (VAZ, 1998).

Os espíritos que têm forte relação com a defesa do meio ambiente são os do primeiro e segundo mundos, exatamente porque a natureza é a sua *casa*. E é nessa natureza que vivem também os humanos, morando, trabalhando, buscando alimentos ou festejando. Espíritos e humanos têm, então, que “com-viver”<sup>11</sup> nos mesmos lugares. Mas a harmonia é possível. As histórias de caçadores que conversam e fazem trocas com o Curupira (geralmente tabaco e cachaça) são um exemplo de uma

8 O termo *bicho* é usado também como sinônimo de *encantado*, apesar de que ele parece mais apropriado para os temíveis seres da floresta e as *visagens*. E a palavra *encantado* pode ser usada também para a pessoa se referir ao Jurupari, que é um *bicho* da floresta, porém ela é mais apropriada para os seres que vivem no fundo.

9 A construção deste universo com quatro níveis ou dimensões é um arranjo teórico de minha parte, baseado em 20 anos de pesquisa e muitos outros mais de vivência nas comunidades do Baixo Amazonas. Os termos nativos estão destacados em itálico.

10 O *encante*, a casa dos *encantados*, geralmente fica no fundo das águas, por isso seu sinônimo é o termo *fundo*. As pessoas o descrevem como sendo uma cidade, onde tudo reluz e brilha intensamente. Mas há encantos que ficam dentro de pontas de pedra ou debaixo da terra em um lugar determinado. Mantém-se, no entanto, a ideia de fundo, uma dimensão abaixo desta onde vivem os humanos.

11 Enfatizamos o sentido de “viver com”, que é diferente de simplesmente conviver ou coexistir e supõe uma efetiva cumplicidade.

convivência pacífica possível entre humanos e a natureza, cuja base será sempre o *respeito*.

O quarto nível deste universo quase nunca é citado pelos moradores e parece que não tem ligação mais imediata com a sua vida. Sabe-se que existe, mas isso não tem maiores consequências no seu cotidiano. São os níveis primeiro, segundo e terceiro os mais próximos e com os quais se convive. Assim, nas matas estão Curupiras, Mapinguaris, Anhangas e outros espíritos *malinos* (maus), com pacas, onças, cotias, tatus etc., da mesma forma que nos rios e lagos estão os peixes e tartarugas com Sereias, Mães d'Água, Guaribamboias, Cobras Grandes, Botos encantados etc. E as pessoas transitam constantemente por estes espaços. A natureza é material e é também sobrenatural todo o tempo.

O sobrenatural convive normalmente com o mundo material, pois os dois formam, na perspectiva dos moradores, uma só realidade. O mundo material é o da necessidade concreta e do trabalho, e o mundo do *encante* ou espiritual é o mundo do sobrenatural, do invisível, do que não se explica pela lógica racional, mas cuja existência em nenhum momento é questionada. Um complexo sistema de crenças regula o relacionamento das pessoas com o mundo natural e sobrenatural. A natureza mesma é encantada não como um mundo fisicamente isolado do mundo material, pois humanos e *encantados* vivem no mesmo espaço, mas em dimensões diferentes e com limites muito imprecisos (pessoas podem se *ingerar*<sup>12</sup> para cobras, cavalos, onças e outros animais, e os *encantados* podem se transformar em gente e em outros animais). É como se a vida fosse vivida num “plano duplo”, de existência humana e transumana (ELIADE, 1996). Os humanos mantêm contato com este “mundo invisível” através dos mitos, ritos xamânicos, histórias e relatos fantásticos, como também se observa atualmente entre os povos indígenas na Amazônia (JUNQUEIRA, 2000).

12 Palavra muito usada entre os moradores para se referir à metamorfose que, segundo eles, é comum entre gente, animais e bichos ou encantados.

Mesmo estando a realidade visível e a invisível bastante mescladas, os moradores sabem que são distintas. Não é a todo o momento e nem em todos os lugares que podem ser vistos Curupiras e Mães d'água, por exemplo. O Curupira não aparecerá jamais em áreas urbanas ou capoeiras, e na mata virgem só *malinará* pessoas que *mexerem* com ele. A Mãe d'água<sup>13</sup> estará nos locais próximos à sua *casa*, só se manifestando nas horas perigosas àqueles que desrespeitarem seus domínios (por exemplo, entrar n'água sem pedir licença). A mulher menstruada que for ao rio muito provavelmente será molestada pela Mãe d'água, pois não estará respeitando as regras estabelecidas.

Há locais e horários mais propícios às manifestações dos *encantados* e das forças sobrenaturais. Existem espécies de portais de passagem entre os dois mundos, que são os *encantes*, lugares bem conhecidos por um histórico de aparições, sons e outros sinais. E os *pajés* confirmam a natureza encantada desses lugares. Os horários propícios às manifestações dos moradores do mundo invisível são seis da manhã, meio dia, seis horas da tarde e meia noite. São as horas críticas, quando não se deve andar sozinho, principalmente nos lugares de *encante*. Gritar ou fazer barulho na beira dos igarapés ou lagos nestes horários ou depois das 18 horas irrita seus espíritos e traz sérias consequências. Todos concordam que a meia noite é o horário mais perigoso, quando o risco de ser molestado por um *encantado*, *bicho* ou *visagem* é muito maior.

Os espíritos estão sempre andando em todos os lugares, mas há alguns locais onde eles *moram* que são normalmente os *encantes*, que pode ser um caminho ou uma árvore grossa, por exemplo. É possível saber disso através de repetidos ataques dos espíritos às pessoas que passam nestes lugares. As vítimas podem ficar *assombradas*, doentes e até morrer, quando se diz

---

13 Os moradores das comunidades do interior nunca usam o termo “lara”, que é o preferido por agentes de ONGs, artistas e moradores das cidades, para se referir ao mesmo encantado.

que sua *sombra* ou alma foi levada pelo *bicho* para o *encante*. Esta crença nos *encantados* das águas é encontrada em praticamente todas as comunidades ribeirinhas da Amazônia<sup>14</sup>, inclusive em países como Peru e Colômbia, por exemplo (REGAN, 1993).

As proibições e tabus estão presentes em diversas situações da vida dos moradores. As mulheres grávidas e menstruadas são os principais objetos de tabu. Porém as menstruadas sofrem mais restrições ainda. A mulher menstruada, grávida ou de parto, bem como seus bebês estão sujeitos a proibições. Ela não pode andar sozinha na mata, tomar banho de rio ou igarapé nas horas impróprias. Não pode pisar em animais, pois corre o risco de engravidar destes. Por exemplo, uma mulher que pisar em um sapo pode ter um filho com pés e mãos “de sapo”. A vingança dos espíritos pode atingir tanto a mulher desobediente como qualquer outra pessoa do lugar.

Se os adultos devem respeitar horas e lugares, cuidado especial devem ter as crianças, principalmente as recém-nascidas, consideradas indefesas até os 45 dias de vida. As crianças que não são batizadas são alvos fáceis de *bichos* e *encantados*, que têm pelos menores uma forte predileção. Os pais temem que seus filhos sejam levados embora por estes *encantados*, por isso não os deixam sozinhos próximos dos locais de manifestações mais comuns desses espíritos.

Essa concepção de que praticamente toda a natureza ao seu redor é encantada expressa uma realidade: a vida dos moradores das *comunidades* do interior do Baixo Amazonas está ligada de forma umbilical ao meio ambiente, principalmente a mata e a água. Não é a toa que os povoados e cidades mais antigas do interior da Amazônia se localizam exatamente entre o rio e a floresta, na *beira*, o lugar da sua memória (SIMÕES, 2000). E a quase totalidade destes lugares eram antigas *missões* que, por

---

14 Por exemplo em Gurupá, no Rio Amazonas (WAGLEY, 1988 e GALVÃO, 1955), em Vigia, na região do Salgado próximo de Belém (Maués, 1990; 1995), e nas outras comunidades do rio Tapajós por nós estudadas (VAZ, 1996; 1997; 2010).

sua vez, foram estabelecidas sobre antigas malocas dos povos que ali viviam já antes da chegada dos europeus. Há séculos a natureza representa para estes povos muito mais do que o lugar de onde apenas retiram os recursos necessários à sua sobrevivência. Ela é um lugar de história, por onde passaram índios, portugueses, cabanos, judeus... A natureza é também o lugar onde moram seres espirituais *encantados*. Ela é o ponto de contato dos humanos com um mundo místico e mágico, expresso através dos inúmeros mitos e contos fantásticos.

Já afirmei em um trabalho anterior (VAZ, 1998), que é compreensível o apego e a afeição destes moradores à floresta e à água, pois aí eles nascem, crescem, vivem e morrem. Daí eles retiram seus alimentos e matam a sua sede. A floresta, eles percorrem em seus inúmeros caminhos e veredas, indo para a roça, caça ou coleta. Nas águas se mostram exímios remadores, nadadores e pescadores. Mas frente à grandiosidade das matas, rios e aos seus mistérios assumem atitudes de extrema reverência. Sua fala mansa e sem pressa parece guardar sintonia com a velocidade dos rios, longe dos quais não querem viver. Na verdade, eles mantêm um ritmo de vida que segue a cadência dos sons e movimentos da natureza, sem pressa. Seu imaginário reflete a intensa sintonia com a natureza e projeta um olhar peculiar em direção ao mundo.

Este modo de vida de pensar, além de ter influência da natureza, não pode ser compreendido se esquecemos da tradição herdada dos seus ancestrais. A cosmologia que está por baixo destas narrativas se aproxima muito do que na antropologia é chamado de “perspectivismo ameríndio” (LIMA, 1996; DESCOLA, 1998; VIVEIROS DE CASTRO, 1996, entre outros): a ideia de que o mundo é habitado por diferentes tipos de sujeitos, humanos e não humanos, pessoas com consciência e pontos de vista próprios e

que podem se metamorfosear. No baixo Tapajós, essa crença deve ser muito antiga, pois os estudos arqueológicos da iconografia da cerâmica Santarém mostram um mítico urubu-rei de duas cabeças que se metamorfoseava em gente e criaturas que eram metade bicho e metade gente (GOMES, 2006). Segundo o perspectivismo ameríndio, comum entre os povos indígenas na Pan Amazônia, a pessoa humana não é o centro do universo e nem o dono da natureza. Os animais, com seus espíritos ou almas, são tão sujeitos da relação como os humanos. Por essa lógica, podem-se compreender as vontades e desejos de Botos, Curupiras e *Mães* dos animais e dos igarapés; a ira da Cobra Grande e os assovios e choros dos tajás.

Entre todos os *bichos* e *encantados*, existem alguns bem mais conhecidos no Baixo Amazonas, que são o Curupira, o Boto e a Cobra Grande. Estes estão sempre presentes nas rodas de conversa. As pessoas até se referem a eles com uma familiaridade surpreendente. Farei breves comentários sobre eles, apenas para exemplificar, tentando sempre facilitar a sua leitura destes mitos.

## O Curupira

Dos *bichos* da floresta, o Curupira é seguramente o mais conhecido, principalmente pelos caçadores e quem anda na mata. Ele é o protetor das caças. Os caçadores sabem que, se matarem demasiadamente uma determinada espécie animal, podem vir a ser sua vítima. Quando o caçador escuta o seu assovio, é sinal de que não matará nada naquele lugar: o Curupira está avisando. É melhor ir embora. Alguns que tentaram desafiá-lo foram esbofeteados e lambados por algo invisível, sem que pudessem se defender. Isso é confirmado por muitas histórias. Dos homens mais velhos aos mais jovens, todos afirmam que já escutaram seu



assovio ou o som das suas cacetadas nas *sapopemas*<sup>15</sup> ou sabem de colegas que escutaram.

O Curupira só gosta da mata virgem e densa, longe das cidades, das áreas devastadas ou capoeiras. Assim, suas aparições nunca ocorrem na *beira* do rio, nos povoados e nas suas proximidades. Conforme avançam as estradas, o barulho dos carros e da vida urbana, a energia elétrica e as grandes plantações, os Curupiras vão embora, como mostrou Tatiana Lins e Silva (1980) em seu estudo sobre a colonização na região de Santarém ainda na década de 1970. Fugir da devastação da floresta e do crescimento das vilas é uma característica que o Curupira compartilha com o Jurupari ou Mapinguari<sup>16</sup>, porém estes preferem as partes ainda mais interiores e inacessíveis da selva.

Como nas últimas décadas os moradores estão se fixando nos povoados, na margem dos rios, e já não entram na distante mata virgem - como nos tempos da exploração da copaíba, breu e castanha-do-pará - agora são muito raros os relatos de ataques do Jurupari. Em 2007, a idosa benzedora e parteira Dona Santana, me contou de um jeito até melancólico, na aldeia de Nova Vista (rio Arapiuns), que faz muitos anos havia um Jurupari que vivia em uma serra, na floresta por trás do povoado. *Antigamente* ele assustava os seus moradores, com seu grito, mas fazia tempo que ela não mais escutava aquele grito. Ela mesma disse que, com a crescente devastação da floresta, provavelmente ele foi embora (VAZ, 2010). Foi da mesma Dona Santana que escutei a sentença, que inspirou o título deste livro: “isso aqui tudo é encantado!” Ela falou olhando para o chão e apontando para todas as direções.

A imagem apresentada do Curupira pelos moradores do Baixo Amazonas é bem diferente daquela visão muito difundida nos livros de “lendas”: um menino com cabelos longos

15 Sapopema (em outras regiões do país fala-se sapopemba) é a parte das raízes de algumas árvores, principalmente a espécie conhecida como samaumeira, que cercam o tronco; é aquela parte de forma achatada que fica acima do solo e que parece tábua. A palavra vem do Tupi, onde significa exatamente “raiz chata”. Quanto maior e mais velha a samaumeira, maiores suas sapopemas. Ao ser golpeada a sapopema emite um som característico que se escuta longe. Acredita-se que o Curupira vive entre as sapopemas e que gosta de bater nelas com seu órgão genital que, acredita-se, é bem avantajado.

16 Segundos os relatos que escutei, as pessoas se referem ao Jurupari e ao Mapinguari como se tivessem as mesmas características, ou como se fossem o mesmo ser terrível e perigoso. Na verdade, elas usam mais o termo Jurupari do que Mapinguari. O Jurupari é um bicho gigantesco e peludo, tem apenas um olho na testa e a boca enorme fica no lugar do que seria o seu estômago. Este detalhe nunca é esquecido, já que o medo maior dos moradores é serem devorados pelo bicho. Tem a pele tão resistente, que as balas de chumbo não o atingem. Como ele se aproxima dando gritos assustadores, as pessoas sempre conseguem tempo para fugir e escapar da sua boca.

e avermelhados e com os pés para trás, montado em um porco do mato. Os moradores da região do baixo Tapajós acreditam que o Curupira se parece com um menino de pele escura, daí a denominação *pretinho*, que em alguns lugares chega a ser mais usada do que o termo Curupira, como vemos neste relato (VAZ, 1998, p. 105):

*Eu falei com eles. Eles responderam, mas não me olharam. Eram dois pretinhos bem deste tamanho [apontando para uma criança]. Eu fui com eles daqui do Norato até aquele piquizeiro virado. Eu fui conversando com eles, mas eles não me olhavam. Fiquei assim... “Mas, quem são esses dois rapazinhos?” Quando chegou lá na encruzilhada, eles disseram: “É para lá que o senhor vai, né”? Eu respondi: “é”, e eles disseram: “Então tá, que nós vamos por aqui”. Eu perguntei: “Cadê o pai de vocês”? Eles responderam: “Tá vindo aí”. Depois é que eu fui me lembrar que era Curupira. Não mexendo com eles, não fazem mal a gente. Agora, mexendo com eles, eles malinam da gente, fazem a gente se perder no mato, andar sem rumo. (Seu Júlio, São Pedro do Arapiuns)*

Porém é mais comum as pessoas falarem “a” Curupira e “a” Mãe do mato, ou se diz que a Curupira é uma *velha*, e até alguns se referem a ela respeitosamente como *minha avó*. Mas quando insistimos numa definição, se ela é macho ou fêmea, as pessoas não apresentam uma única resposta. E nem isso constitui um problema para elas. Simplesmente se fala *do* e *da* Curupira.

O curupira já era reconhecido pelos Tupinambá do litoral brasileiro desde pelo menos 1560, conforme relatos de missionários, como José de Anchieta: “pela boca de todos corre que há certos demônios e que os brasis chamam Corupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhe de açoite, machucam-nos e matam-nos” (*apud* CASCUDO, 2001, p. 172). Para se livrarem desses ataques os indígenas deixavam para o Curupira abanos, flechas e outras “oferendas”. No Baixo Amazonas, século XXI, não há relatos de vítimas fatais do *Pretinho*, que continua aceitando os presentes feitos de tala ou palha trançada, de preferência.

Os ataques do Curupira são temidos, mas ele tem também um jeito divertido, pois gosta de fazer as pessoas se perderem na floresta, quando andam em várias direções sem encontrar o rumo certo, mesmo que estejam ao lado do caminho. A recomendação é fazer um cesto ou qualquer tecido de palha e tala, e deixar ali. É que o Curupira vai ficar se entretendo em desmanchar o cesto de palha, e as pessoas aproveitam para escapar do seu encantamento momentâneo. Ter sempre tabaco e cachaça por perto também ajuda no comércio com o Curupira. Porém, normalmente, basta não incomodá-lo.

Todos os homens adultos que andam na mata contam histórias da sua convivência com o Curupira, expressando muito respeito e até lealdade, o que é diferente dos relatos do Boto, quando ocorrem gracejos. Para lograr sucesso na caça, é preciso *conversar* com o Curupira e fazer uma espécie de *putaua* com ela. É uma *putaua* ao nível sobrenatural, mas no estilo daquela que os indígenas mantêm com os vizinhos, na troca de carne de caça ou pescado, ou com *santo* de devoção, pelo pagamento da promessa. A sua lógica reforça a *putaua* social do cotidiano: pediu, recebeu; recebeu, retribuiu, e assim por diante. Não é casual que, atualmente, com a expansão da prática da venda de

carne e peixe, a *putaua* se enfraqueceu. Com a diminuição das caçadas e das caças, a *putaua* mística com o Curupira também se enfraqueceu. A *putaua* como troca de coisas e afetos precisa ser cultivada, incessantemente, sob pena de fenecer.

## O Boto e as Sereias

Os *encantados* dos rios e igarapé vivem em *idades* parecidas com as que os ribeirinhos conhecem, com a diferença que lá tudo brilha e é muito mais bonito. Esses *encantados* podem se manifestar às pessoas na forma de animais ou de gente, quando tentam “levar” a pessoa para o *fundo*. Isso pode acontecer física e instantaneamente ou, de outra forma, o “escolhido” ficará doente e, quando morrer, os *encantados* levarão a sua *sombra* (alma). Os cuidados devem evitar que se chegue ao extremo do encantamento, que não é desejado por ninguém. Por isso mulheres menstruadas não podem ir ao rio e os pescadores não devem xingar botos que se aproximam da canoa. Em cada povoado, os moradores mostram lugares para onde foram levadas pessoas que acabaram encantadas. Cada uma tem uma história de desrespeito às regras.

Dos *encantados* o mais citado é certamente o Boto. Ele tem poder para se transformar em homem e seduzir as mulheres ou, no caso de ser uma fêmea, se transformar em mulher e seduzir os homens<sup>17</sup>. Durante as noites, ele passeia e assobia nas *comunidades* e aldeias ribeirinhas. Nas festas, tomando até a feição de alguém do lugar, ele se mistura entre os humanos e se diverte. Mas os Botos são temidos pelo seu poder sedutor e ao mesmo tempo maligno.

Longe do que dizem as piadas e lendas sobre o “boto emprenhador”, esse mito não é nada romântico, ao menos no Baixo

17 A crença em Botos encantados que se transformam em gente é encontrada em todo o vale do Amazonas, até em países vizinhos, como o Peru e Colômbia (REGAN, 1993); e entre povos indígenas que habitam os rios interiores de terra firme, como é o caso do rio Negro. Por diversos motivos os nativos têm um misto de respeito e temor desses animais. Os Desana creem que o boto está ligado aos seus ancestrais, por isso não o matam nunca (RIBEIRO; KENHÍRI, 1996).

Amazonas. As mulheres da região têm muito medo dos ataques do Boto, porque se forem suas vítimas, a história não acabará bem. Elas ficam *malucas* (querendo correr e se jogar no rio), doentes, magras e podem até morrer. A solução é chamar um poderoso *curador* ou *pajé*. Nestas *comunidades* ribeirinhas não procede a versão de que as mulheres se aproveitam da fama do Boto para enganar os parentes e vizinhos, quando se descobrem grávidas de um rapaz, dizendo “foi Boto”<sup>18</sup>. Os mais velhos contam que já aconteceu que mulheres tiveram *filho de Boto*, mas era uma criatura estranha, medonha, não humana ou era até um *botinho*, que teve que ser jogado n’água logo após o nascimento. E, mesmo assim, a mãe dessa criatura sofreu muito para se livrar das perseguições do Boto.

Não são menos comuns os casos de *Botas* (como os nativos se referem as Botos-fêmea) que seduzem e perseguem os homens, geralmente depois de terem sido provocadas por estes (“Boto, se tu *for* fêmea, vai lá na minha rede depois!”). Ouvi relatos de homens que tiveram dificuldades para se livrar de uma Bota, que vinha se deitar com eles na rede. Mesmo entre os homens, não há romantismo, mas temor, quando se referem à possibilidade de uma Bota ir ter com eles na rede, pois eles comentam que elas são insaciáveis no sexo e, sem a intervenção de um *pajé*, o homem pode morrer ou ser levado para o *encante*. Em 2008, li o relato sobre um Boto atacando e tentando tirar o calção de rapazes na região de Vila Curuai, no Lago Grande da Franca<sup>19</sup>. Essa variação *Boto-gay* mostra a atualidade do mito.

Quando falamos de Boto, não nos referimos ao boto tucuxi (*Sotalia fluviatilis*), de pele escura, que é tido como amigável e aquele que ajuda os pescadores e socorre os naufragos. Falamos do Boto vermelho (*Inia geoffrensis*), que nos últimos anos passou a ser referido como *Boto cor de rosa*, que é visto como perigoso e ligados a encantaria. Esses botos são meio animal e

18 João de Jesus Paes Loureiro (1995) reproduz e aceita sem nenhuma crítica essa ideia de Câmara Cascudo (2002), de que na Amazônia é reconhecido como “filho de boto” a “criança que nasce de mulher solteira ou de casada sem o concurso do marido” (LOUREIRO, 1995, p. 214), e que por esta razão as mulheres não sofrem condenação moral e nem punição. Loureiro transcreve ainda uma citação que Cascudo (2002) retirou de um livro de Umberto Peregrino (1942) que, por sua vez, escreveu que havia escutado do médico Gete Jansen a seguinte história: no interior da Amazônia, uma senhora casada levou seus filhos ao serviço médico e, quando indagada sobre o nome do pai de um deles para o registro habitual, a mulher “respondeu com absoluta convicção” que não tinha nome do pai porque era “filho de boto”. (CASCUDO, 2002, p. 168). Teria sido possível uma cena como esta mesmo na década de 1940? Tenho dúvidas, apesar de que, no Baixo Amazonas, até o final do século XX, ainda acreditava-se que crianças albinas eram “filhos de boto”, mas isso parece ter passado.

19 Trata-se de um trabalho de aula de 06.11.2008, elaborado pela aluna Rosivana Pinto de Farias, para a disciplina Estudos Amazônicos (ministrada pelo professor Nestor dos Santos), no curso de Ensino Médio Modular. O livro Santarém Conta (Simões, 1995) já traz o relato “Um boto diferente”, feito por Maria Oliveira da Cunha, falando do Boto que atacava rapazes no Lago Grande.

meio sobrenatural, podendo tomar a forma de homens e mulheres. Alguns Botos são bem conhecidos dos moradores de uma *comunidade*, e até tem nomes próprios (Eduardo, João, Jurueno etc.), com os quais eles se manifestam nas sessões dos *pajés*.

Em 2008, na aldeia em Lago da Praia, Arapiuns, os indígenas estavam preparando uma “Dança do Boto”, quando o próprio passou a se manifestar de forma ostensiva e até violenta, batendo nos rapazes e incorporando em um deles. O Boto, que afirmava se chamar Jurueno, disse que batia nos homens porque tinha ciúmes de uma das moças do lugar. Os moradores fizeram muita defumação para espantá-lo, e a Dança do Boto foi cancelada para não provocar ainda mais Jurueno (VAZ, 2010). Este relato recente mostra mais uma vez a vitalidade do mito do Boto.

Candace Slater (2001), em um estudo sobre o Boto, diz que os relatos são “reflexos indiretos” das mudanças profundas que ocorrem na região e expressam “uma forma potencial de resistência” das populações nativas à ordem capitalista, associada a tais mudanças. Para ela, as experiências relatadas “sugerem uma teia intrincada de ambivalências e ambiguidades entre dominador e dominado dentro da Amazônia hoje” (p. 14). As histórias do Boto seriam uma forma de representar a ambiguidade sob a qual os *brancos* foram assimilados pelos indígenas. A autora lembra que as roupas do Boto possuem “conotações classistas definidas”: aparentemente bem vestido, com chapéu, terno de linho branco engomado (homem) e vestido longo branco (mulher), roupas da elite rica do tempo da borracha. Não é fortuito, pois, que os Botos apareçam sempre como um *homem branco* e uma *mulher loura* atraentes, mas perigosos.

De fato, o missionário João Daniel (2004, p. 90-91), ao relatar as aparições dos *homens marinhos* no rio Tapajós, em meados do século XVIII, parece estar referindo ao que viria a ser

mais tarde a crença nos Botos, embora ele não faça nenhuma menção ao mamífero. Ele escreve que esses seres vivem na água e saem para a terra na forma de “homens, mulheres e meninos”, para, em seguida, voltar a esconder-se “na água como peixe”. O relato cita a crença em vários seres que vivem sob a água - onde têm suas cidades e até tambores - que muito se aproximam dos hoje conhecidos, genericamente, como *encantados do fundo*. Mas o autor não faz observações quanto a estes seres aparecerem como *brancos* ou *louras*, tampouco realça o seu caráter maligno<sup>20</sup>. O que me leva a supor que essa característica do Boto teria sido acrescentada, posteriormente, pelos indígenas e demais moradores da região, em um longo processo de adaptação de uma crença indígena ao contexto de confronto com os *brancos*.

## A Cobra Grande

A Cobra Grande é um ser fantástico que parece uma cobra de verdade, mas monstruosamente grande. Diz-se que ela é uma sucuri que cresceu demais e teve que abandonar os igarapés e pequenas lagoas para se refugiar na parte mais profunda dos rios ou nas ilhas. Há vários relatos de Cobra Grande que saiu da terra firme para o rio “rasgando” o chão e derrubando árvores. Como habitante do *fundo*, ela está entre os mais poderosos *encantados*. Por isso aparece e desaparece misteriosamente. À noite ela aparece com dois faróis bem potentes (seus olhos), o que faz com que alguns pensem que é um barco grande que se move numa enorme velocidade. Muitos pescadores tiveram que jogar sua canoa no capinzal e correr pra terra, para escapar da sua boca. Sim, o maior temor das pessoas é serem devoradas.

É sempre durante um temporal que a Cobra Grande aparece e sai da terra para a água, deixando o enorme buraco no

---

20 Daniel (2004, p. 90-91) relata também dois casos acontecidos na Missão do Maracanã, na foz do Amazonas: um jovem indígena queria se jogar na água, dizendo que vira uma linda mulher no fundo, com quem queria ficar; e perto dali, quando as pessoas estavam colhendo conchas cernambi para construção, sem que vissem ninguém, pressentiam que “alguém” jogava areia nelas.

caminho. Pode ser que é a própria Cobra Grande que provoca o temporal, também com o objetivo de fazer a canoa naufragar, para devorar as pessoas. Há ilhas ou determinadas partes do rio que são conhecidas como moradas de Cobra Grande, e os moradores procuram evitar tais lugares, principalmente durante a noite. Este é o caso da Ponta do Urucuri, próximo a Vila Franca, no rio Arapiuns. Há também uma Cobra Grande na Ilha Boiuçu, localizada no rio Tapajós, próximo à comunidade de Itapuama. Não é coincidência que o nome da ilha (Boiuçu), provavelmente herdado dos antigos indígenas que moravam próximo ao lugar, significa exatamente *cobra grande* no Nheengatu.

O caso da ilha Boiuçu como morada da Cobra Grande é um sinal eloquente da capacidade dos mitos de darem continuidade às tradições. E a simbologia da Cobra Grande nas tradições indígenas está fartamente documentada, do vale do rio Amazonas ao México (a serpente emplumada), assim hoje como nos tempos pré-colombianos (BROTHERSTON, 2000). O mito da Cobra Grande é tão antigo quanto antiga é a presença humana na região. Ao analisar a cerâmica marajoara, a arqueóloga Denise Schaan notou que se destacam os traços geometrizarantes da jararaca, “ou quem sabe da cobra-grande, um ser ancestral que foi responsável pela própria existência do grupo, como vemos em tantas outras culturas amazônicas” (SCHAAN, 2006, p. 41). A Cobra Grande mãe dos peixes pode ter sido parte de uma antiga mitologia pré-colombiana que provavelmente se estendia por todo o vale do rio Amazonas.

Outro exemplo da capacidade de sobrevivência e de adaptação do mito da Cobra Grande é a crença de que ela estaria ainda hoje embaixo da catedral de Sant’Ana, em Óbidos, e que se ela se mover, toda a cidade vai para o *fundo*. Escutei também que outra Cobra Grande estaria embaixo da catedral de Santo Antônio



em Alenquer. Coisas de cidades pequenas do interior? Mesmo na cosmopolita Belém é divulgada em livros e na internet uma história dando conta de que existe uma Cobra Grande debaixo do asfalto e dos altos edifícios da capital. A cabeça estaria debaixo do altar-mor da Basílica de Nazaré e o rabo, debaixo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Se a esta Cobra Grande se mexer... toda a cidade vai para o *fundo*.

Ora, esta é uma história que ronda o imaginário dos moradores de todos os vilarejos e cidades da Amazônia. E não é um detalhe qualquer o fato de que a mítica serpente, que já assustava os indígenas desde a época em que não havia catedrais cristãs na região, está exatamente debaixo destes templos símbolos-maiores do poder ideológico colonial. E ela só está quieta, não está morta. Toda a catequese cristã e o controle eclesiástico que parecem pesar sobre as mentes dos indígenas estão por um triz.

Norato, ou Noratinho para os mais íntimos frequentadores das sessões dos pajés, é outra Cobra Grande que está aí para provar a capacidade de resistência de um mito – ou melhor, de um povo. *Encantado* moderno, virou literatura (BOPP, 1973), mas continua no *fundo* dos rios, de onde sai para cantar sua *doutrina* e conversar com os humanos, nos terreiros de pajelança, nas metrópoles Belém e Manaus ou nas cidades e povoados do interior. Os pajés dizem que ele é um encantado muito bom.

Ah, os *pajés*... Não tem como falar de *encantados* sem falar da importância destes homens e mulheres intermediários entre o mundo dos humanos e o dos *encantados*. É neles que os *companheiros* e *guias* do *fundo* se incorporam durante as sessões de pajelança para que possam sarar as dores e angústias dos que vivem deste lado daqui. Alguns *pajés* tem o poder de ir até o *encante*, visitar seus amigos. Normalmente, vão em sonho, mas fala-se que os antigos *pajé sacaca*, como o famoso Merandolino

(que viveu no rio Arapiuns em meados do século XX) viajavam pelo *fundo* com o corpo físico mesmo.

A tradição dos *pajés* é uma marca da enorme influência dos ancestrais indígenas na cultura dos ribeirinhos do Baixo Amazonas. Mesmo com a incorporação de elementos das culturas europeias e africanas, a matriz do pensamento do ribeirinho amazônida continua sendo fortemente indígena. Esta tradição nos remete aos *antigos* povos indígenas habitantes do lugar. A manutenção deste corpo de crenças está diretamente ligada à autoridade e influência dos *pajés*. Autoridade que não é ostensiva, que quase nem se vê. Sabe-se que eles estão aí, mas vivem discretamente sem chamar a atenção. Até lembram a estratégia da Cobra Grande diante das catedrais. Tem a ver.

Nas comunidades da região é patente a grande influência da pajelança sobre o modo como os moradores veem o seu mundo e a si mesmos. Afinal, ao constituir a pajelança um sistema através do qual os moradores (indígenas e não indígenas) compreendem e interpretam o mundo, ela funciona como a ponte necessária para dar sentido e tornar válida a sua interação e intensa comunicação com os animais, *encantados* e mortos. Por isso os *pajés* não desapareceram, apesar da perseguição que sofreram por parte dos missionários católicos. Vem daí a “teimosia da pajelança” (ARENZ, 2000).

## Os relatos apresentados

A apresentação dos relatos segue a lógica circular dos diferentes níveis do universo e dos seus habitantes e suas transformações. Iniciamos com os *bichos do fundo* da água, passamos para os *bichos do fundo* que costumam ir para a terra

transformados em gente, nos detemos nos *bichos* que vivem na terra e à mata fechada e concluímos falando dos seres que, vivendo entre os humanos na terra, se transformam e vão para o fundo ou para o meio dos encantados. Na verdade, o círculo não se encerra, mas sim as transformações recomeçam.

Falando sobre os *encantados* que vivem no fundo das águas, Erivan José Pontes Pimentel, conta sobre um medonho ser que aparece regularmente no rio Tapajós, na entrada da boca do igarapé da sua comunidade de Tauari. Jorge Costa Pereira, conhecedor do ambiente da várzea, conta que matar um jacaré de 3 metros não dá tanto medo como ver o fogo da Cobra Grande a sua procura. O jeito foi pular *prá* terra, com a canoa e tudo, e esperar amanhecer. Maria Régis Santana, mais conhecida como Dona Sinhá, da aldeia de Aningalzinho, relembra sua infância lá dentro do rio Arapiuns e conta como era escutar o canto da sua *vizinha* Guaribambóia que vinha do fundo do igarapé perto de casa. Dona Sinhá, que faleceu em julho de 2013, era um testemunho vivo da sabedoria e do respeito aos *encantados* e às águas, sua morada. Dona Josefa da Silva, benzedeira da aldeia Muratuba e conhecida como “a Guerreira do Tapajós”, explica sobre a saída da Camará do seu lago, depois que pessoas estranhas chegaram e meteram fogo no caranazal e no miritizal. O *encantado* e *mãe* do lago Camará se *desgostou* e foi embora.

O segundo bloco de histórias fala dos *bichos do fundo* que querem tanto conviver com os humanos, a ponto de até *virar* gente, namorar e ter filhos, como é o caso do Boto. O risco é acontecerem conflitos na disputa por mulheres, e o Boto, acabar ferido ou morto. É sobre essas histórias que falam Dona Maria Enir e Ronaldo, do rio Arapiuns. Maria Enir diz que seu filho *meteu a faca* num Boto que tinha a aparência de um primo seu. Ronaldo conta que seu irmão brigou com o Boto transformado em um homem,

porque este queria a namorada do rapaz. E o Boto levou a pior: foi esfaqueado e morto. O pescador Marcelo conta que estava pronto para matar um Boto que estava próximo da sua canoa, quando teve uma visão que o deixou desnortado, a ponto de prometer nunca mais voltar naquele lugar. Zomar Pereira Lopes conta que em Pinhel, os moradores parecem ter uma convivência harmoniosa com o Boto Lavrajé, com exceção das moças que chegam de fora, desavisadas, e que ainda caem na sua lábria. Já o outro relato de Dona Maria Enir é de arrepiar, pois ela mesma engravidou de um *bicho*. Tudo porque ela não acreditava!

O terceiro bloco de histórias traz relatos sobre bichos associados à terra e à mata fechada. Dona Lucila conta a história de João de Piligrino que foi caçar justamente em uma sexta-feira santa e passou um sufoco com a sua *embiara*, um jacu do outro mundo. Influência do cristianismo entre os indígenas da região, os *dias santos* (principalmente domingo, dia de Finados e 6ª feira santa)<sup>21</sup> devem ser guardados. Seu Hipólito Silva, líder dos Tupinambá da aldeia Muratuba, traz o relato sobre as *visagens* e *misuras* que aparecem próximo aos cemitérios, principalmente no início da noite, meia noite... Já Seu Antônio Ferreira Lopes e seus tios gostavam de *facilitar* e saiam para a pescaria justamente às seis horas da noite. O resultado eram as pedradas e tapas que eles pegavam das *visagens* ou sabe-se lá de que. Dona Maria Branches, matriarca de uma família que se orgulha de ser descendente dos *cabanos* em Cuipiranga (Arapiranga), conta que mesmo ficando na sua casa à noite, ela escuta coisas medonhas. Uma vez até bateram palma e chamaram: “Mamãe, mamãe!” Ela não respondeu, pois sabia que aquilo não era gente. Dona Maria Enir volta de novo para falar de três estranhos visitantes que foram à casa de um caçador dar um *recado* sobre o cuidado com os animais. Zomar Pedroso Lopes também volta para falar sobre o Capote, um *bicho* que aparecia nas matas de Pinhel e gostava de

21 São os dias que os moradores consideram que se deve respeitar. Não nos referimos aos dias santos estabelecidos oficialmente pela Igreja Católica.

roubar mulheres. Guilherme Floriano, velho curador Munduruku e filho do famoso *pajé* Laurelino de Takuara, fala do seu encontro com um simpático Curupira que gostava de pinga. O menino Eliseu Laurido, que parece um velho contador de histórias, fala sobre um caçador que entrou na casa da Mãe do mato e teve que correr de lá. Seu Francisco Godinho Campos dá um exemplo de uma relação tranquila com o Curupira, baseada na conversa e nos presentes que ele aprecia. Graças a essa boa relação, ela protegeu um caçador do Jurupari. Rosivaldo Sousa confirma que o Curupira pode ser bom amigo, mas se a gente *abusar* vai levar tapa. Seu Francisco Lopes dos Santos, conhecido como Tapioca, conta que para o Jurupari chumbo é como carapanã. E diz mais: *o mato tem dono*, como tudo, e é preciso respeitar. Dona Maria Regis Santana, relembra novamente a distante noite em que ela e seus pais escaparam de um *bicho* terrível, graças ao fogo da *coivara* e aos cachorros. Apesar de terrível, o Jurupari foi expulso da região, devido à devastação da floresta. Já não se ouve seu grito, nada. E ele faz falta... É este o relato de Dona Maria Raimunda Pimentel. Seu Hipólito Silva conta que perdeu um tesouro enterrado porque contou para a esposa o sonho que teve.

E terminamos falando dos seres que, vivendo entre os humanos na terra, se transformam e vão para o *fundo* ou para o meio dos *encantados*. Um dos casos mais citados é o *pajé sacaca* Merandolino que viveu no rio Arapiuns em meados do século XX. Ele se transformava em cobra, e ao morrer foi viver na Ponta do Toronó. José Maria Branches e Dona Jandira é que contam isso. Dona Sinhá volta para falar de outro homem que virava cobra - Seu Norato - e que *baixa nos pajés*. Gracinha Pedroso, uma *pajé*, conta sobre o nascimento e até o *desencantamento* de Noratinho. Dona Maria Raimunda Pimentel e Gracinha Pedroso conta como foi que duas moças se encantaram, *prá* nunca mais voltarem. E é este o círculo que começa e volta *pro encanto*. Afinal, isso tudo é encantado.

Essas narrativas têm muito a nos fazer pensar... Podem mesmo nos ensinar, mas só poderemos sorver esta riqueza de sabedoria se mudarmos a nossa forma de vê-las. Mito não é folclore ou piada. As histórias de quem duvidou ou não acreditou estão aí para nos alertar. Fiquemos com estas lições sobre um outro olhar e outras atitudes em relação à terra, às plantas, aos animais, às pessoas, a tudo o que vive e está conectado. Se este ciclo de vida e transformações for mantido, nós teremos mais chances de continuar vivendo também.

Florêncio Almeida Vaz Filho

## Referências

ARENZ, Karl H. *A Teimosia da Pajelança: o Sistema Religioso dos Ribeirinhos da Amazônia*. Santarém: Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS), 2000.

BASTOS, Renilda Rodrigues. Os contos de fadas e a tradição paraense. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). **Memória e comunidade: entre o rio e a floresta**. Belém: UFPa, 2000, p. 71-78.

BETTENDORFF, Pe. João Felipe. *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Belém: SECULT, [1698] 1990. 697 p.

BOPP, Raul. *Cobra Norato e outros poemas*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1973.

BROTHERSTON, Gordon. Os mitos da América indígena, entre ficção e verdade. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). **Memória e comunidade: entre o rio e a floresta**. Belém: UFPa, 2000, p. 279-289.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11 ed. São Paulo: Global, 2001.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, 4(1), 1998, p. 23-45.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio – o dicionário da língua portuguesa: Século XXI*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: Um estudo da Vida Religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1952]1976, (Col. Brasiliana, 284).

GOMES, Denise Maria C. A cerâmica Santarém e seus símbolos. In: CALLIA, Marcos; OLIVEIRA, Marcos Fleury de (Orgs.). **Terra Brasilis : pré-história e arqueologia da psique**. São Paulo: Paulus, 2006, p. 72-49.

JUNQUEIRA, Carmem. O mundo invisível. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). **Memória e comunidade: entre o rio e a floresta**. Belém: UFPa, 2000, p. 79-92.

LIMA, Tania Stolze. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. **Mana**, vol. 6/2, 1996.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica – uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.

MAUÉS, R. Heraldo. **A Ilha Encantada: Medicina e Xamanismo Numa Comunidade de Pescadores**, Belém: NAEA/UFPa, [1977] 1990.

PEREGRINO, Umberto. **Imagens do Tocantins e da Amazônia**. Rio de Janeiro. 1942.

REGAN, Jaime S. J. **Hacia la Tierra sin Mal: La Religión del Pueblo en la Amazonía**. 2<sup>a</sup>. ed. Iquitos: CAAP/CETA/IIAP, 1993. 456 p.

RIBEIRO, B. G.; KENHÍRI, T. Etnoictologia Desâna. In: PAVAN, C. (Org.). **Uma Estratégia Latinoamericana para a Amazônia**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. São Paulo: Memorial, 1996, p.201-217.

SCHAAN, Denise Pahl. O imaginário coletivo na cultura marajoara. In: CALLIA, Marcos; OLIVEIRA, Marcos Fleury de (Orgs.). **Terra Brasilis : pré-história e arqueologia da psique**. São Paulo: Paulus, 2006, p. 47-35.

SILVA, Tatiana. Lins e. **Os Curupiras Foram Embora: Economia, Política e Ideologia numa Comunidade Amazônica**. Dissertação de Mestrado apresentada no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 1980. 188 p.



SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). **Memória e comunidade: entre o rio e a floresta**. Belém: UFPA, 2000.

SIMÕES, Maria do Socorro; GOLDER, Christophe (Coord.). **Santarém conta...** Belém: CEJUP/UFPA, 1995.

SLATER, Candace. **A Festa do Boto: Transformação e Desencanto na Imaginação Amazônica**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2001.

VAZ, Florêncio Almeida. **Emergência Étnica de Povos Indígenas no Baixo rio Tapajós, Amazônia**. Tese de Doutorado apresentada ao PPGCS/UFBA, Salvador, 2010. 478 p.

VAZ, Florêncio Almeida (Coord.). **Levantamento Sócio-Econômico e Populacional (Área Proposta para a Criação da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns)**. Brasília: CNPT/IBAMA, 1998. 124 p.

\_\_\_\_\_. **Indicadores de Sustentabilidade de Comunidades Ribeirinhas da Amazônia Oriental**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Agricultura) - CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro, 1997b.

VAZ, Florêncio Almeida. Ribeirinhos da Amazônia: Identidade e Magia na Floresta. **Revista de Cultura Vozes** 90, Petrópolis, março e abril de 1996a. p. 47-65.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio. **Mana**, Vol. 2, N. 2, outubro de 1996, p. 115-144.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica: estudo do Homem nos Trópicos**. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1953]1988.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, EDUC, 1997.



# O bicho na boca do Tauari

Erivan José Pontes Pimentel, Tauari, Rio Tapajós

Eu vou contar uma coisa que o pessoal da comunidade sempre viu e eu não acreditava, e um dia eu também vi. Então, já faz mais ou menos, mais de quatro anos que isso acontece na comunidade todo ano. O pessoal vê tipo, assim, uma cobra grande. Dizem que é uma cobra grande, lá na boca do Tauari, onde existe um poço<sup>1</sup>. Então, eu nunca acreditei nisso. Quando foi uma vez, um colega nosso aqui – e falam até que ele mente muito –, ele disse:

- Erivan, eu vi o negócio lá. E é muito feio! Se quiser ver, *bora*<sup>2</sup> lá ver comigo!

- Então, *bora* lá! *Bora* ver mesmo esse negócio.

Eu fui lá com ele à noite. Nós ficamos lá a noite inteira, até de madrugada, e não vimos nada. Então, eu falei *pra* ele:

- *Rapá*, isso é boto!

- Mas, não é não, Erivan! O barulho é muito grande, não tem condições de ser boto, não. Se tu *quiser* vir ver outra vez, tu *vem*! A gente vem de novo, amanhã.

1 Parte mais funda do rio, geralmente onde ficam os cardumes. É o lugar preferido pelas cobras grandes.

2 Abreviação de “embora”, muito comum em expressões regionais como “bora logo” e “borimbora” quando se quer enfatizar que está com pressa.

Então, nós viemos de novo, porque eu queria ver mesmo se era verdade. Passando outro dia, nós fomos e ficamos lá, de noite. Quando foi uma base de meia noite, mais ou menos assim, começou um barulho na boca do Tauari, lá onde existe um poço, igual à batida de boto<sup>3</sup>. Então, ele falou:

- Olha, Erivan, tu *tá* vendo essa batida aí? Tem um bicho boiando lá fora.

- Não, *rapá*, isso é boto, rapaz!!!

- Não, rapaz, começa assim, mas tu *vai* ver depois. Vê e escuta!

- Que nada, rapaz! *Bora* lá mais perto *pra* ver. A gente tem que ver o que é que é!

Quando foi nessa hora, ele disse:

- Tu queres ver, mesmo? Então, vamos ficar aí. Então, vamos! Vamos ficar!

3 Barulho que faz o boto, quando emerge rapidamente e mergulha de novo.

4 Expressão para dizer “parece que” ou “foi como que”.

5 É o som que reproduz o barulho de alguém caindo n’ água. Fala-se também “tei pei!”.

6 A origem do termo é Tupi [igara (canoa) + pé (caminho): “caminho das canoas”]. O igarapé (na região também se fala garapé) é um riacho, canal estreito ou pequeno rio situado entre duas ilhas, ou na terra firme. A água dos igarapés geralmente é transparente e fria, muito refrescante.

Começou a bater mais forte na água. Batia: *guebei, guebei, guebei. Pra* mim, *a modo*<sup>4</sup> aquilo vinha assim, pelo fundo, tipo um submarino, por exemplo. Aquela coisa de guerra. Vinha pelo fundo, *a modo* que encalhava. Quando encalhava assim, ele boiava... E era o barulho de muito peixe na beirada: *Tê bei! Tê bei! Tê bei!*<sup>5</sup> Aquilo tudo, lá! Mas, muito diferente que barulho de boto. Então, veio um medo tão grande dentro de nós! Nós resolvemos voltar, porque não teve condições de nós *chegar* perto *pra* ver o que é que era. E aquele bicho vinha, vinha entrando mesmo, *pro* igarapé<sup>6</sup> do Tauari. De lá nós fomos *pra* terra, ficamos noutra ponta. Deixamos ele passar. Então, depois de uma hora mais ou menos, daquele movimento todo, aquilo se acalmou, passou. Passou, e

nós *vinhemos* de lá de manhã, só com muito medo. Então, isso aconteceu. Agora, o pessoal da comunidade, todo ano, eles veem isso, não só eu. O pessoal quase todo aqui já viu. Veem que é uma cobra.

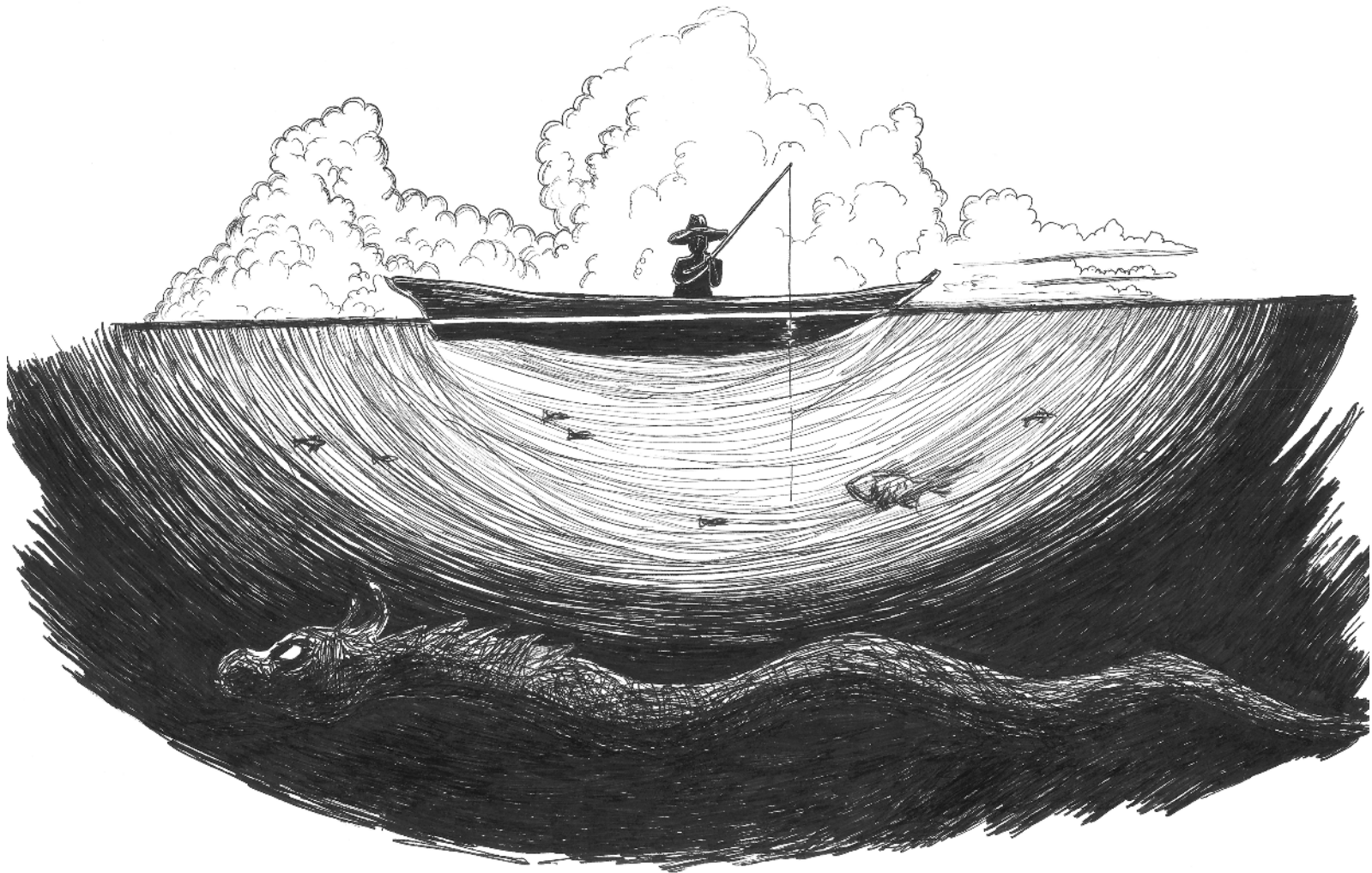
O meu irmão, ele foi semana passada *pra* lá, foi pescar com outro rapaz. E eles viram dois bolos de cobra. Bem perto mesmo, no luar. Ele *tava* até duvidando, achando que era jacaré. Mas, depois que eles olharam bem, era um negócio tipo uma cobra. Rapidamente, eles foram *pro* barco. Voltaram de novo e não viram mais nada. Aquilo tinha sentado.

Então, era mais ou menos isso que eu vi. E todo o pessoal da comunidade, os pescadores, todos mesmo já viram isso, realmente, mesmo! Até uma mulher, a dona Zeca, ela desmaiou quando viu a cobra. O filho dela foi pescar de dia no poço e quando eles começaram a armar as malhadeiras, eles viram. “Olha só!” – o filho dela conta – “A mãe desmaiou lá. *Pra* nós era uma cobra, mas diz que<sup>7</sup> é um negócio muito feio”.

Então, é isso que *tá* aparecendo aí no rio, na comunidade de Tauari. E nesse dia que eu *tava* lá com o rapaz, que eu não acreditava, eu vi. Eu cisme<sup>8</sup> que era um... Não sei, tipo uma cobra que eu nunca vi! Mas, o pessoal fala que é um bicho muito horrível que aparece aí! E, todo ano! E ele *tá* aparecendo nessa época aí, que o pessoal *tá* vendo.

7 Forma contraída de “dizem que” ou “diz-se que”, é muito usada em frases que expressam alguma desconfiança, incerteza ou mesmo incredulidade. Mas há também frases onde a expressão tem um sentido de descontentamento ou insatisfação.

8 Cismar significa ter um pressentimento, uma desconfiança, dúvida ou preocupação. Não é de hoje que se fala na região que o indígena é cismado e desconfiado. Pode ser mesmo que seja uma maneira de autodefesa, que marca todos os moradores do interior da Amazônia. Afinal, depois de ser enganado, explorado, roubado e humilhado durante séculos é compreensível que o indígena não acredite em tudo o que escuta ou vê.



# A cobra grande do Pirarara

*Jorge Costa Pereira, região de várzea*

Tinha um senhor ali, que era muito bom piloto. E ele gostava de pescar com esse senhor porque ele era bom piloto. Nesse tempo era caçada de jacaré que eles faziam e o jacaré já *tava* difícil *pra* achar. Aí eles rodavam *tudo* esses lagos aí. O meu irmão tinha uma lanterna, ela pegava seis pilhas. Mas a bicha era boa! Dali de cima dessa terra, ela arriava lá no lago assim. Enxergava *benzinho* a ilha grande! Era muito boa a lanterna desse homem! Era com ela que caçavam.

Quando foi um dia... Eles, acostumados, pescavam, caçavam, matavam e nunca tinha acontecido nada. Mas, quando foi nesse dia eles rodaram, rodaram aí no lago até que viram um fogo. Ele disse:

- Olha, Simão, lá está um... Leva direito a canoa, bem aqui!

Aí, levou, levou, levou, levou. Quando chegou em certa parte, ele alumiou<sup>1</sup>, *tava* de fora o bicho.

- Pode levar!

Aí, remou, remou, remou um bom pedaço e alumiou

1 Iluminou, clareou. Mesmo que alguns pensem que o certo é dizer "iluminou", é certo também falar alumiou, como fazem muitos moradores da região. Alumiar e iluminar vem do Latim (Illuminare ou luminare: dar luz, iluminar).

- 2 Fala-se “zuada” para se referir a um barulho forte, medonho, que incomoda muito.
- 3 Parou a canoa.
- 4 Açú vem do Tupi, significa aquilo que é grande. O jacaré-açu é o maior dos jacarés encontrados na América do Sul, chegando a até seis metros de comprimento. Com movimentos ondulantes da cauda, que é bem longa, ele nada muito bem. Seus olhos e suas narinas são salientes, e por isso pode ficar semi-submerso, como se fosse um submarino. Na Amazônia, o jacaré-açu foi muito procurado por caçadores para venderem seu couro e sua carne, dois produtos muito apreciados. Hoje em dia está cada vez mais difícil encontrá-lo, justamente por causa da caça predatória que quase o leva à extinção.
- 5 Bater lá significa chegar lá, alcançar um objetivo de chegar a certo lugar. Mas pode ser que alguém não queira e mesmo contra a vontade vai bater lá, como num hospital, por exemplo.
- 6 Pedacos de floresta típica da beira dos rios que se deslocam na época da cheia e ficam se movendo ao sabor das correntezas. Geralmente compõe-se de mururé, capim, canarana, aninga e pequenas árvores. Acredita-se que há bichos ou mães embaixo deles.
- 7 O verbo meter é usado em expressões que significam sair correndo em disparada. Um exemplo é “meter o pé”, ou seja, sair acelerado, bem rápido.
- 8 Facilitar aqui tem o sentido de vacilar, apresentar comportamento irresponsável ou descuidado consigo mesmo, principalmente com relação à sua segurança ou saúde.

de novo, e *tava* de novo lá! Ele disse:

- Eu vou arriar a haste, porque não pode chiar a água pela canoa, tem que ir bem lento *pra* não fazer zoada<sup>2</sup>.

Quando chegou a uns 50 metros, ele botou a lanterna, a bicha sentou. Eu disse *pra* ele:

- Olha, Simão, vai levando bem devagarzinho.

Ele saiu, devagarzinho. Quando foi chegando lá, ele aguentou a canoa<sup>3</sup>, deu um tempo e alumiou; já *tava* com a cabeça de fora de novo! Ele conhece bem o jacaré-açu<sup>4</sup>. Naquele tempo, ele matava mais o jacaré-açu, que dava dinheiro. Quando, ele chegou assim perto, o bicho *alevantou* e bateu lá<sup>5</sup>. Aí, ele meteu o arpão *pra* lá e acertou no pé dele. Ele bateu e acertou no pé! O bicho se meteu embaixo do barranco<sup>6</sup>. Esse lago era tudo só barranco, só tinha aqueles laguinhos pequenos. Era barranco, barranco. O bicho meteu<sup>7</sup> *pra* baixo do barranco.

Tinha um lugar que davam o nome de Pirarara. Diz que tinha cobra grande lá, o pessoal falava. Só que o cara não acreditava! Facilitavam<sup>8</sup> *pro* negócio! Então, pelejaram, pelejaram com esse jacaré, até que conseguiram matar ele. Um jacaré com uns três metros. Era grande. Pegaram ele, embarcaram na canoa. A canoa era grande. Embarcaram. O Simão olhou *pra* trás, *pro* lago, e viu aquele fogo bem, bem lento. Ele disse:



- Ezídio, olha o fogo.

- Tio Simão!. É... é a cobra grande! E *vum'bora* sair daqui!

Aí, ela virou de frente com eles! Quando virou de frente, o reflexo deu nele! O reflexo do fogo dela. Tinha um *pantanalzão*, aí eles meteram<sup>9</sup>! Eles não sabem como acharam tanta força de meter a canoa dentro daquele pantanal feio. Quando eles conseguiram entrar uns dez metros dentro do barranco, já pulando dentro *pra* puxar a canoa, quando eles conseguiram puxar a canoa, quando embarcaram na canoa, ela boiou lá onde ele *tava*. Diz ele:

- Meu filho, eu... Eu tenho certeza que, se cortasse na gente assim, era capaz de não sair nem sangue, de tanto medo que a gente *tava* lá dentro daquele cerrado.

E a bicha ficou lá... Ela sentava e ela boiava lá longe, dentro de dois, três minutos, ela boiava lá. Aí, boiava tudo quanto era troço do fundo. Polpudos, aqueles bagaços de capim, tudo boiava do fundo. E aquela *zuadeira*<sup>10</sup> que ouvia dela, que chiava igual a uma lanterna de carbureto<sup>11</sup> quando a gente dá pressão nela. Chiava... *Chiiiiiiiiizzzz*. Aquilo é que dava medo mais nele. E eles ficaram lá até que clareou. Quando foi *pra banda*<sup>12</sup> da madrugada, por volta das quatro, ela sentou, aí sumiu.

---

9 Aceleraram.

10 Zoada, barulheira.

11 As lanternas de carbureto são muito usadas em pescarias. Elas são feitas em latão ou cobre, e têm dois compartimentos sobrepostos. O superior leva água, e o inferior contém o carbureto. Através de uma válvula, a água vai pingando aos poucos sobre o carbureto, que reage gerando um tipo de gás que escapa com pressão através de um bico, produzindo uma chama forte, brilhante e clara. Através de um refletor acoplado na peça, um fecho de luz é projetado até 15 ou 20 metros.

12 A expressão *pra banda* tem o sentido de “para perto de”, “para o lado de”.



# A guaribambóia

Maria Régis Santana (Dona Sinhá), Aldeia Aningalzinho, Rio

Arapuans

- 1 O curador é aquele que, segundo se crê na região, tem um dom “de nascença” para promover curas físicas, emocionais e espirituais. Os curadores no Baixo Amazonas atuam por meio de cânticos, defumação, aplicação de banhos de ervas e cascas, e, às vezes, também em sessões de incorporação.
- 2 Perdia a paciência.
- 3 “Dar uma lambada” é uma expressão popular que pode significar bater em alguém. Aqui, tem sentido figurado, remete a uma espécie de castigo não necessariamente físico.
- 4 A defumação é parte do tratamento para afastar os males do corpo e da alma. Quando se trata de uma defumação de enfermo, normalmente o benzedor usa um cigarro de tabaco coberto com fibras de tauari. Na defumação de uma casa ou de um ambiente, e durante rituais indígenas, usa-se um pequeno fogareiro e queima-se cascas de envira-taia, malagueta, mucura-caá e outras ervas.

Eu tenho 65 anos de idade, fui nascida e criada no centro do Paricatuba. Lá os curadores<sup>1</sup>, sempre que a gente precisava, eles iam fazer trabalhos. Eles diziam que lá no porto de casa tinha uma guaribambóia encantada. Sempre quando a gente adoecia, era porque a gente pulava muito na água desse porto. Quando a gente é criança, a gente é muito danada! A gente pulava muito da ponte *pra* dentro do igarapé. E ela se abusava<sup>2</sup> com a gente. De repente, ela dava uma lambadinha<sup>3</sup>. Aí, vai buscar o curador! O curador chegava e fazia os trabalhos de defumação<sup>4</sup>, os remédios caseiros, a gente ficava boa. Sempre, de madrugada, o papai chamava a gente e dizia:

- Escuta, a guariba *tá* cantando.

E a gente escutava... A gente escutava no igarapé, dentro do igarapé. A gente escutava que vinha de lá. Não era uma guariba do mato, da mata, assim cantando *pro* meio da mata, não. Era lá no *garapé*.

Sempre, a mamãe dizia *pra* nós, o papai aconselhava que nós não *devia* ficar gritando, pulando demais na água, que o nosso banho tinha que ser rápido. Mas, criança, quando o pai *tá*



em casa, a mãe *tá* em casa, ainda é muito bom, que a gente tem aquele medo, aquele *arreceio* de apanhar, e a gente faz como o pai pede, como a mãe pede. Mas, quando o pai saía de casa, a mãe saía de casa, nós *se danava* pulando. Nem demorava, era febre, era dor de cabeça, não tinha gripe. Podia buscar o benzedor! Podia buscar o benzedor, que ela já tinha olhado *pra* gente com mau olhado.

Assim o tempo foi passando, o tempo foi passando, e a gente foi se criando com a graça de Deus. Depois nós soubemos respeitar ela, *pra* ela também poder respeitar a gente. E ela foi uma vizinha *pra* nós, que reinava com a gente!

O canto dela era um pouco diferente do canto da guariba da mata. A da mata tem dois sons de voz: ela tem a voz grossa e a voz fina. Essa tinha só a voz grossa: *Ohohohohohohoh...* Ela se *asseava*<sup>5</sup> e *baixava*<sup>6</sup>, mas não trocava o som da voz. A da mata não, ela tem dois sons. Ela tem a grossa e ela tem a fina! Essa era a diferença que nós *achava*, e que o papai dizia *pra* gente:

- Olha, presta bem atenção, que a daí da água, a encantada, ela só tem um som de voz, que é a grossa. E a da mata tem as duas. A da mata, ela ainda faz uma *dobrazinha*, ainda vai lá e ainda vem cá. Essa não, era direto assim: *Ohohohohohohoh...*

Uma vez o nosso *igarapé* secou. Ficou seco, seco, seco, que você só via o caminho, parece que era uma estrada, um caminho. Quando nós vimos que *tava* mesmo ficando no seco, que estava no seco, que a gente já tinha que pegar água mais embaixo um pouco, já tirada com *cuia pra* colocar no balde<sup>7</sup>, aí o papai chamou um curador. O nome dele era Manoel Gama, que já é falecido. Ele fumava e fazia trabalho!

5 Assear-se é usado com o sentido de fazer a higiene pessoal ou limpar-se, lavando apenas partes do corpo e, mesmo assim, meio superficial ou rapidamente. É diferente de tomar banho, que significa uma limpeza completa.

6 Mergulhava de volta para o fundo d'água.

7 De tão pouca água que havia, só podia ser retirada com uma *cuia* (espécie de tigela) para então ser armazenada no balde. O balde, mesmo, não entrava na água.

Ele chegou lá em casa e desceu *pro* igarapé com um cigarro de tauari<sup>8</sup>. Sozinho *pra* lá, ele conversou. Não sei com quem ele conversou, ele conversava *pra* lá. Quando ele subiu, ele disse:

- Olhe, compadre, ela vai voltar, mas vai depender de um trabalho.

O papai disse para ele:

- Olhe, eu já tenho cachaça, eu já tenho tabaco, eu já tenho a sacaca<sup>9</sup>, eu já tenho o paricá<sup>10</sup>, tenho tauari.

- Então, vamos fazer o trabalho hoje à noite.

E ele fez o trabalho dele. Tá certo que a água não voltou logo de manhã, ainda passou um mês mais ou menos. Aí, ela encheu, ela voltou de novo, e até hoje tem água nesse igarapé. Graças a Deus! Eu acho que não foi mais preciso a guaribambóia se aborrecer com alguém, porque não mora mais ninguém lá. Só ela ficou.

---

8 Árvore da região, da qual se tira uma fibra (espécie de envira) da entrecasca para enrolar tabaco e fazer o famoso cigarro muito usado pelos curadores e pajés nas defumações. Acredita-se que a fumaça do tauari tem atributos de proteção contra maus espíritos. Quando se quer dizer que uma pessoa entende da arte da cura, ou que é um curador, diz-se “Ele fuma tauari”.

9 Planta amazônica usada com fins medicinais. Faz-se chá de suas folhas e cascas.

10 Planta da família das leguminosas, tem casca grossa, madeira avermelhada, dá flores pequenas e frutos grandes.

# A camará

Josefa da Silva, Aldeia Muratuba, Rio Tapajós

O Lago da Camará tinha um miritizal<sup>1</sup> e um caranazal<sup>2</sup>. Na praia tinha um beco dum *garapé*, um *garapézinho* que escorria só água. Aí passava tapiraiauara<sup>3</sup>, passava! Tinha um beco que morava a guaribambóia, e, lá dentro, morava ou mora – não sei onde ela está agora – a camará. Uma *camaroa*<sup>4</sup> que se parece cria.<sup>5</sup> Ela mora dentro do Lago da Camará.

Lá, um dia, quando *chegou umas pessoas estranhas*, quando subiu uma empresa que chamava Araújo, aí eles se desgostaram. Saiu a camará, com um capim em cima da cabeça, *arremexeu tudinho*<sup>6</sup>. Porque eles meteram fogo, queimou tudinho, o caranazal e o miritizal, e ela se desgostou e saiu. Veio com só um capinzinho em cima da cabeça dela. Ela não chegou a entrar, que é baixo, baixo, muito baixo *pro* lado de lá. Aí, ela *vortou de vorta*, ela ficou *remanciando* aqui no Tapajós direto. Quando aquelas pessoas foram parar na ponta do Surucuá, que é dela, ela *vortou de novo*, deu uma tempestade. Ela veio e se *acolocou* no centro da cabeceira onde estão a tapiraiauara e a guaribambóia. A tapiraiauara é um boi com um chifre na ponta. A guaribambóia, quando a gente ia apanhar miriti, barulhava na palha e ela começava: *Grohhohohoh...* Ela anda tudo mole! Mas é guariba mesmo! E elas *tão* tudo morando aí! Isso me deixou tão

1 Local de concentração de miritizeiros (espécie de palmeira comum no Norte do Brasil).

2 Local de concentração de caranás (espécie de palmeira comum no Norte do Brasil).

3 Onça d'água, que algumas pessoas dizem que é um animal de verdade, que vive no fundo dos igarapés e lagos. Outros falam que é um ser sobrenatural, encantado. O certo é que a maioria das pessoas tem medo da tapiraiauara. A origem da palavra é do Tupi: tapir = anta, iauara = cachorro ou boto.

4 Fêmea do camarão.

5 Que parou de se criar, no sentido de ser muito grande.

6 Fez tudo remexer.

impressionada, que eu fui espiar aonde ela ia, e eu disse:

- Ei, camará, tu vai *vortá* ou não?

Aí, eu fiquei lá em pé em cima do barranco, espiando. Ela foi embora, e depois chegou meu filho:

- Não tem condição, mamãe, de pegar peixe agora de jeito nenhum! Espia como *tá* o rio.

Então, é isso aí que é a camará que a gente fala! A camará é uma camaroa muito grande, daquela do olhão e barbona.

# Dinaldo furou o boto

Maria Enir, Aldeia Zaire, Rio Arapiuns

Eu tenho um filho chamado Dinaldo. Ele gostava, mas ele gostava do *goró*<sup>1</sup>. Então, ele tinha que sempre ir lá *pra vila*<sup>2</sup> com os irmãos e os primos. Eles iam por causa das gatas<sup>3</sup>, era *tudo* jovem. Bom, daí o Nardi chegou e eu perguntei:

- Nardi, cadê o Dinaldo?

- Ficou, mamãe!

- Que horas que ele vem?

- Não sei, *tá* luar bonito!

Eu fiquei preocupada com eles... E esse Panã mesmo que estava aqui, ele disse que, quando vinha de lá, o Dinaldo perguntou:

- Cadê a cachaça, cara?

- Não, eu não trouxe!

Ele tinha chegado do Maicá, e falou:

- Não trouxe, não, a cachaça.

1 Bebida alcoólica, cachaça. A origem do termo é a palavra gororoba (comida feita da mistura de vários produtos). Na Amazônia o termo é flexionado em verbo (gorozar), no diminutivo (gorozinho) e no aumentativo (gorozão).

2 As comunidades ribeirinhas da região geralmente dividem sua área em vila e centro (também chamado colônia). A vila é o lugar de moradia, onde se concentram serviços e espaços de sociabilidade (escolas, igrejas, barracões comunitários, barracões de festa). O centro é a área dos roçados, e normalmente cada família tem o seu.

3 Moças bonitas (gíria).

- Mas, *pô*, eu *tava* a fim de beber!

Então, o Panã veio embora. Só que aqui seca, e fica um igarapezinho. Mais tarde, quando Dinaldo chegou de lá, no luar, ouviu que alguém assobiou *pra* ele:

- *Fiu, fiu, fiu*, Dinaldo, Dinaldo.

Aí, ele disse assim:

- Oi!

- Vem cá!

- Mas, *pra* quê?

“Mas o Panã, me chamando agora”? – ele pensou. Chegou lá, no luar bonito, mas bonito mesmo! Ele disse que levava uma faca grande, porque *tava era* com medo do boto. Ele falou assim mesmo! Quando ele chegou lá, era o Panã! *Tava* com uma garrafa de cachaça lá e disse:

- Olha, *vum'bora* beber?

- Mas o Panã não tem cachaça!

O Panã deu a garrafa de cachaça *pra* ele, o Panã. Quando Dinaldo virou, a cachaça só era água. Então, ele pensou: “Ah, esse é o boto mesmo”! Ele virou e empurrou-lhe a faca nele! E a faca pegou nele! Depois, ele chegou correndo lá em casa, dizendo:

- Mamãe, mãe, eu furei o Panã!

- Meu Deus, meu filho, porque tu fizeste uma coisa dessas?



- Não, mamãe, eu furei o Panã mesmo e eu vou matar ele!

Ele disse que furou e saiu correndo *pra cá*. Nós corremos *pra lá* e chegamos *pra* irmã da mamãe. O Panã era filho dela. A mamãe saiu por cima e perguntou:

- Mas *pra que já*<sup>4</sup> fizeram isso?

Eu fiquei nervosa. E, quando eu cheguei lá, eu disse:

- Mamãe, mamãe!

- O que é?

- Chame o tio Lau, pergunte se o Panã *tá ai*?

- Tio Lau, Tio Lau?

Esse irmão da mamãe.

- Tio Lau, cadê o Panã?

- *Tá ai, tá* dormindo!

- Mas, ainda agora o Dinaldo disse que furou o Panã.

Mas olha, quase o meu filho morria. Deu uma grande dor de cabeça, que, se não fosse o pajé dali do outro lado... Ele disse que é porque ele furou o boto, mas não matou. Ele disse:

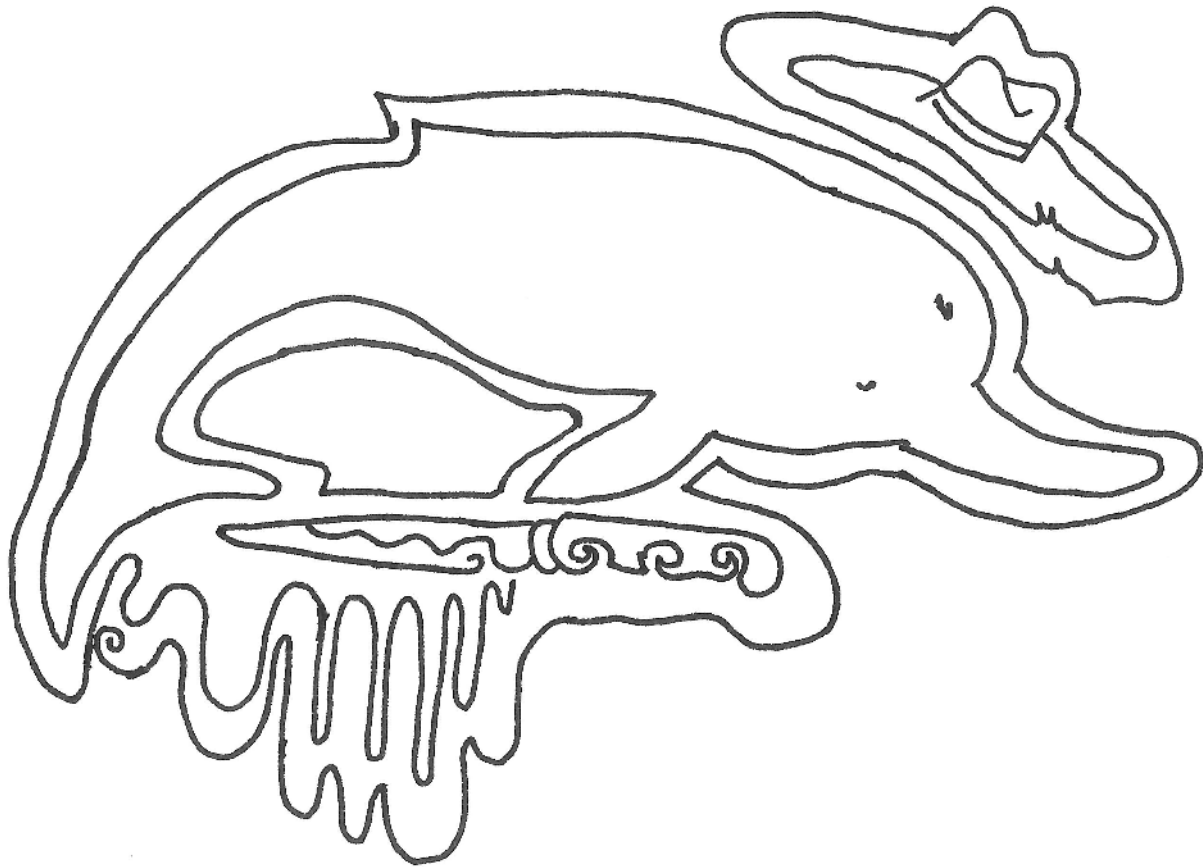
- Mamãe, eu furei ele, olha só! Chega a faca veio cheia de sangue! Só que ele correu *ai pra* ponta. Mas ele não morreu, não!

4 “Já” é uma interjeição aposta ao fim de muitos verbos, formando expressões muito características do linguajar popular na Amazônia, que dão ênfase ao que se diz para demonstrar espanto, desconfiança, repreensão ou chamar a atenção do interlocutor.

Quase que matava o boto, mas Dinaldo conta até agora que ele *tá* vivo. Se ele *tivesse* aqui, ele ia contar essa história que aconteceu com ele mesmo. O boto não morreu, mas quase que matavam o Dinaldo! Deu uma grande dor de cabeça, deu febre, aí *mandemo* buscar o pajé e ele disse:

- Não, é porque ele furou o bicho e não matou. Era *pra* ele ter matado o bicho, que não ia acontecer isso com ele.

Verdade isso aí! É, aconteceu mesmo. E ele conta até agora.





# O boto, o rapaz e a namorada

Ronaldo, São Pedro, Rio Arapiuns

Uma vez aconteceu com um rapaz que tinha uma namorada, e um colega dele também queria essa mesma menina para namorar. O colega queria a mesma namorada do rapaz! Quando foi um dia, o rapaz foi caçar. Foi caçar e ficou *pra* colônia, ficou *pra* lá *pra* caçar. O pessoal baixou *pra* vila. Mas o rapaz tinha ficado lá no mato, *pra* caçar!

Quando deu umas 19 horas, um cara apareceu lá na vila. Então, um pessoal pensou que era o tal rapaz que tinha vindo do mato. Mas não era, porque ele tinha ficado caçando lá no mato e só vinha *pra* vila no dia seguinte. Mas o pessoal tinha certeza que era.

Quando deu umas 20 horas, aquele colega que queria a namorada do rapaz topou com ele e a namorada dele embaixo de um seringal. Como o colega queria a namorada dele também, os dois começaram a brigar pela menina lá no seringal. Eles *tavam* disputando a menina lá. O colega começou a xingar lá *pro* lado do namorado da menina. Só sei que a porrada<sup>1</sup> encaixou lá, e eles se bateram, se bateram até que o rapaz *puxou pel'uma* faca e deu uma furada no colega.

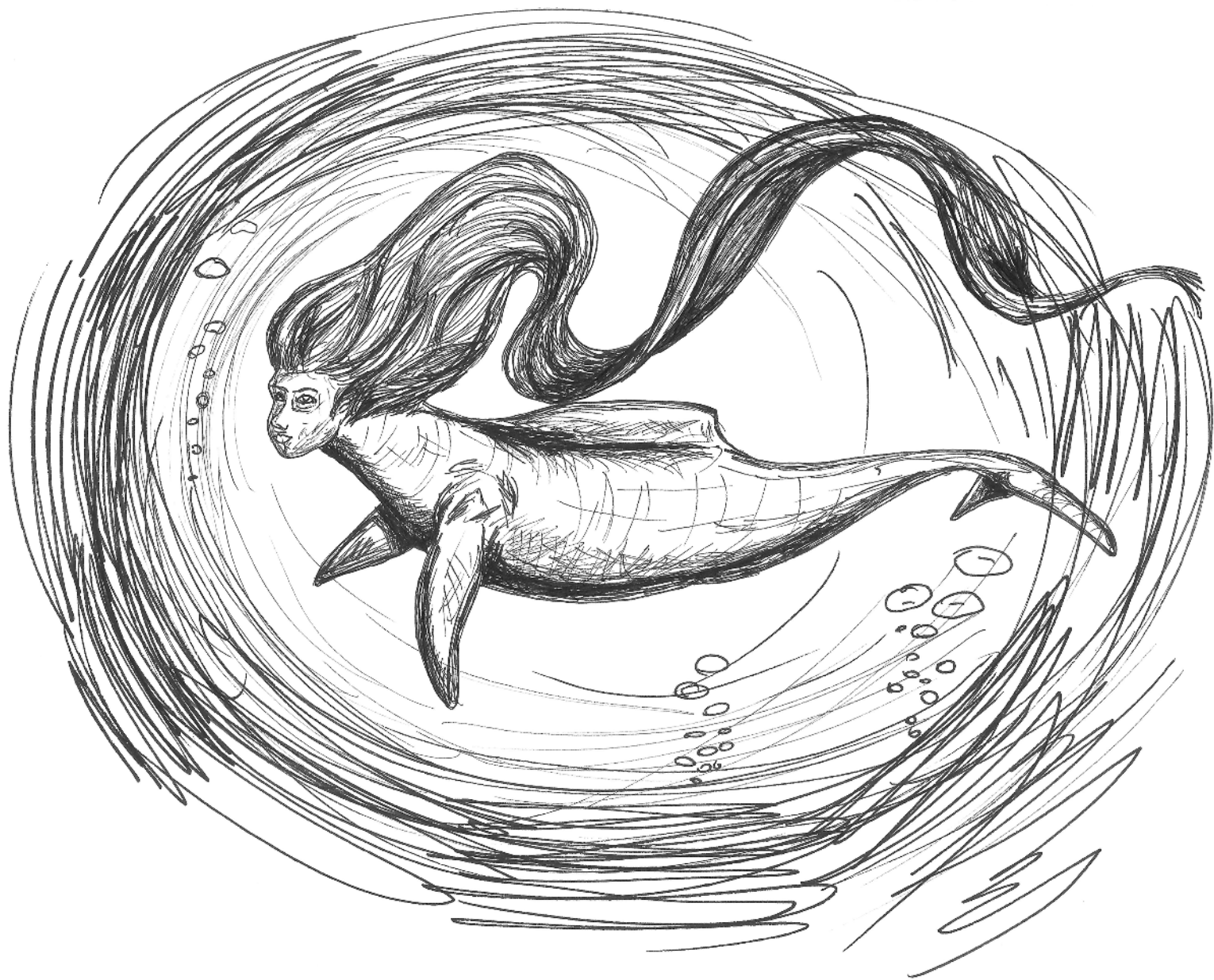
Depois disso, o rapaz correu, correu e foi avisar que tinha furado o colega dele! Foi aquele comentário na vila. O rapaz chegou lá e contou que eles tinham brigado e que ele tinha furado o colega. Quando perguntaram o motivo, ele contou que foi porque esse colega tinha batido nele. *Tá bom.*

1 Briga, confusão, confronto físico violento entre duas ou mais pessoas. Quando acontece uma briga que envolve muitas pessoas em um mesmo lugar, fala-se também em “porradal”.

2 Inchado.

O pessoal foi lá no tal lugar, ver o colega do rapaz, que tinha sido furado. Chegando lá, era muito sangue, muito sangue mesmo, mas só que o cara não *tava* caído mais lá não. Então, o pessoal percebeu que ele tinha corrido no rumo da beira, lá *pro* lado do rio, e eles todos correram atrás. Ficaram lá, não viram é nada. Quando foi de manhã, eles foram ver e... O rapaz furado tinha desaparecido lá no meio do rio, lá dentro d'água, lá! Ele tinha caído na água. Um pescador foi no outro lado pescar, e, quando chegou lá do outro lado, ele viu aquele negócio tufado<sup>2</sup> lá. O pessoal foi olhar e era o boto, com a furada bem embaixo do braço onde o rapaz tinha furado o tal colega!

Aconteceu isso lá! Que o boto virou gente e morreu disputando uma menina. Só que ele não teve sorte. Ele morreu! Porque o boto, ele se transforma em qualquer pessoa. Se ele quiser se transformar numa mulher ou num homem, se achar que deve, ele se transforma mesmo, vai lá e faz o que ele bem entende. Depois ele se *destransforma* e vai *pro* fundo!



# Medo da cabeluda

Marcelo, Aldeia Zaire, Rio Arapiuns

Nessa pescaria fui eu com meu primo. Nós éramos três. Nós *fumo* num botinho. *Tava* pescando mapará<sup>1</sup>. Só que os boto *num* deixava, eram dois botos. Então, *fumo* pro capim. Eles boiavam, eles iam lá, assim, embaixo do buraco. Aí, eu dizia pro meu primo:

- Eu vou furar um desses.

Ele dizia:

- *Num* fura.

- Eu vou.

Eles iam lá, e boiavam de novo. Nós *fique*mo lá. E, cadê?! Lá vêm eles de novo. Chegavam lá no botinho da gente, eles rebojavam lá. Então, eu disse:

- Rapaz, eu vou furar um desse.

Eu disse *pra* ele. Peguei a faca, amarrei num pau, e disse:

- Eu furar um desses.

---

<sup>1</sup> Peixe comum no Norte do Brasil.

Quando *cheguemo* bem lá na coisa, quando ele boiou – nós *tava de costa*<sup>2</sup>– e quando ela boiou assim, quando nós olhamos, ela sacudiu o cabelo. Uma bota!!! Sacudiu o cabelo! Ela *saiu fora* da água da altura de quase um metro. Ela sacudiu o cabelo *pro* nosso lado! Balançou a cabeça! liiiiixi!<sup>3</sup> Tipo uma mulher.

O que nós fizemos?! Nós *fiqemos* com medo, então eu convidei meu primo, funcionei a *rabeta*<sup>4</sup> e nós *chutemos pro* Maicá<sup>5</sup>. Cheguei lá, eu contei *pros* meus pais. Que lá, lá onde nós *tava* pescando, que era na Ponta do Genipapo, que lá é encantado. O que tem lá, é uma realidade. Eu vi mesmo. Eu vi, de dia, uma bota sacudindo o cabelo, o cabelo preto. Boto *num* tem cabelo... Aquela tinha. Eu contei *pros* meus pais e *pros* meus avós, que entendem e *tão* vivos. Eles disseram que é um encantado que tem lá. Aí, eu disse que lá, eu nunca mais pescava lá naquela ponta, nem de dia nem de noite!

2 Na região fala-se *costa* em lugar de *costas*. Por exemplo, diz-se “na *costa* de alguém” e não “nas *costas*”.

3 Esse *ixi* (que pode ser pronunciado de forma prolongada no primeiro ‘i’) é uma versão mais resumida do *Vixel*!, que, por sua vez, já é uma versão menor do “Virgem Maria!” de antigamente.

4 Canoa com motorzinho na popa, de pouca força (geralmente de 3 a 5 HP), mas muito prática e de fácil manuseio. A *rabeta* seria só o motor, o eixo e a hélice, mas fala-se *rabeta* hoje para o conjunto todo, incluindo a canoa. Atualmente, os remos só são usados para pequenas distâncias, pois para viagens mais longas a maioria dos ribeirinhos já tem a sua *rabeta*.

5 Aceleraram o motor rumo à localidade chamada Maicá.

*Fiquemos* com medo mesmo, porque nós vimos. Eu acho que ela ainda boiou longe do capim *donde* nós *tava*. Era tipo uma mulher. Cabelo mesmo de mulher, corpo de bota, ela saiu um metro fora d’água. Medo da cabeluda!!!





- 1 Lugar rico e muito bonito que existe no fundo dos rios, lagos e igarapés. É a morada dos encantados, seres sobrenaturais que podem tomar a forma de animais ou de pessoas. Praticamente em todas as comunidades da região existem lugares, de onde os encantados vêm raptar os humanos, principalmente as crianças, para levar embora para o fundo. Algumas pessoas falam mesmo de cidades encantadas, parecidas com as cidades dos humanos, só que muito mais bonitas, reluzentes, e de onde vêm sons curiosos. Acredita-se que os pajés podem viajar para essas cidades e conversar com os seus moradores, mas os outros mortais só passeiam por lá em sonho, e quando convidados. Por intermédio dos pajés, os encantados podem ajudar a curar enfermidades dos humanos.
- 2 É o horário que vai desde quando escurece até aproximadamente às 20 horas. Boca aqui tem o sentido de entrada ou início da noite. Fala-se também boquinha da noite (ou de noitinha) para destacar que é logo no início da noite, nos primeiros minutos da noite.
- 3 Instrumento musical de percussão.
- 4 Acredita-se que, quando assume a forma de homem, o boto usa uma arraia transformada em chapéu.
- 5 Haja é um termo usado para dar a ideia de algo recorrente, que se repete insistentemente. A palavra em si não tem tradução exata, mas ganha sentido no contexto da frase. No caso, enfatiza o quanto elas corriam.

## O Lavrajé

*Zomar Pereira Lopes, Pinhel, Rio Tapajós*

Eu nasci aqui nesta terra de Pinhel, estou com 67 anos e tenho umas histórias, umas historinhas pra contar, daqui da minha comunidade.

Aqui há o Porto de Itapara que tem aquela ponta de pedra. Lá tem um encanto<sup>1</sup>. Lavrajé é o boto. Esse boto, ele sobe não todas as noites. Ele sobe quinta e sexta-feira à noite, na boca da noite<sup>2</sup> ou, às vezes, onze horas, meia noite. Quando dá três horas, ele volta pra... Pra lá. Pro encanto dele, que é justamente é a pedra. Lá embaixo daquela pedra que tem o Itapara. É a pedra o encanto dele, o encanto do boto que tem lá, o Lavrajé.

Antigamente ele fazia muitas marmotas aqui na festa de São Benedito, que era a festa do gambá<sup>3</sup>. Ele saía dançando, saía com roupas brancas, chapéu na cabeça. Tirava o chapéu dele, que era uma arraia<sup>4</sup>. Então os botos andavam na festa com aquelas mulheres, aquelas mocinhas que ficavam tão admiradas com ele. Por quê?! Ele fazia aquilo, ele encantava as meninas, porque ele era o boto! O Lavrajé.

Quando, muitas vezes, essas pessoas chegavam de fora, essas moças aí se admiravam dele e aí começavam a conversar com ele. Ele pegava, levava. E quando elas pensavam

que não era o boto, eles queriam agarrar elas *pra* dentro d'água! Haja<sup>5</sup> que elas corriam *pra* trás. Elas cismavam que era o boto, e era o boto mesmo! Então essa é a história que já aconteceu e acontece aqui na região de Pinhel, o Lavrajé.

# Eu engravidei de bicho

Maria Enir, Aldeia Zaire, Rio Arapiuns

Aconteceu um problema muito sério comigo. Que a minha mãe falava que o bicho engravidava, engravidava... Eu nunca acreditei, pensei que todo tempo era mentira. A minha mãe falava:

- Não faz isso, minha filha. Acontece...

- Mas eu não acredito, não.

Quando foi uma época, eu adoeci demais. Adoeci, adoeci, adoeci. Eu morava lá onde o marido<sup>1</sup>, no são Pedro. A gente morava lá na colônia. Tinha um igarapé lá. E lá eu adoeci, fiquei, adoeci. Era dor de cabeça, era febre, dor no pescoço, dor na perna, e fiquei muito fraca, eu fiquei *vascuando*, *vascuando*... Pensei que eu *tava* doente de câncer. Eu falei *pro* marido, só que ele não ligava *pra* mim. Mas quando?! Não ligava, não. Ele dizia:

- A minha família nunca saiu daqui, nunca saiu daqui.

Então, eu disse:

- Sabe o que é eu que vou fazer? Vou *pra banda* da minha mãe, do meu irmão.

---

1 Lá onde morava o marido.

E eu vim *pra cá*. Cheguei *pra cá*, falei *pro* meu irmão e ele me benzeu. Que ele é um bom pajé! Ele me benzeu e falou:

- Olha, mana<sup>2</sup>...

Chamou o meu marido e disse:

- Olha, se tu não *cuidar*, ela vai ter um mês de vida, um mês só.

Ele disse *pra* mim:

- Olha só, que o teu remédio é isso, isso! É aguardente alemã, mamona<sup>3</sup> e raluá<sup>4</sup>. Tu *tem* que comprar *pra* *ti* tomar esse remédio. Tu *vai* ver tua doença. Com oito dias tu *vai* ver.

Só que ele não me falou também o que era. Ele só falou assim. Tá bom. Depois eu fui *pra* lá *pro* São Pedro, porque o irmão do meu marido morreu. Então, eu fui *m'embora*, levei o remédio e sempre tomei. Tomei.

Com oito dias eu fiquei com aquela dor, aquela dor, aquela dor, agoniada, aí eu fiquei *vascuando*, *vascuando* mesmo. Com poucos minutos eu joguei o bicho! Saiu com a capa. Com a capa cheia de ova, e o bicho dentro, vivinho, se mexendo. Peguei, chamei meu irmão:

- Ô, Ari, vem cá, *mano*, joguei um negócio aqui. *Num* sei o que é.

Ele chegou lá e disse:

- Mas é mesmo!

Chamei a mamãe, a mamãe veio. Aí, *rasguemos* a

2 Mana e mano são formas abreviadas para irmã/irmão. Usa-se frequentemente, também, para indicar familiaridade com o interlocutor, mesmo que não se trate de um irmão.

3 Fruto da mamoneira do qual se extrai um óleo usado em fins medicinais.

4 Beberagem indígena feita com casca de abacaxi, caxiri e gengibre, que é muito usada para fins medicinais, especialmente como depurativo do sangue. Não confundir com o aluá, a bebida fermentada igualmente feita com casca de abacaxi.



capa. O bicho *tava* dentro daquela capa. Vivo! Tinha dente, tinha mão, tinha tudo! Aparecia assim, tipo... Assim, *a modo* um tipo, assim, parece... Dum sapo! Ficava de bruços!

Agarrei<sup>5</sup>, tirei, coloquei no álcool. Teve muita gente que viu. Só que eu fiquei com aquilo. Ari chegou e disse para mim:

- Olha!

- *Tá* aqui, *mano*, foi esse aqui o negócio que eu joguei.

- Olha, tem que queimar isso aqui. Por que se tu não *queimar* isso aqui, ele vai te matar, porque ele fica te olhando, porque ele não tá morto, ele tá vivo, ele tá amortecido...

- O que é que eu faço?

- Ah, faz uma coivara<sup>6</sup> grande, pega oitenta malagueta<sup>7</sup> e envirataia<sup>8</sup>, cipó-alho<sup>9</sup>, queima. Aí, tu vai *ter* uma dieta de um ano e três meses, *pra ti* não pisar na tua casa.

E, além disso, ele disse:

- Tua valência<sup>10</sup> foi que o bicho não judiou<sup>11</sup> no teu corpo. Ele pegou a tua roupa e tu *foi* vestir a roupa. E tu *tem* que queimar toda a tua roupa.

Eu acho que em toda minha roupa ele já ficava brincando. Eu agarrei e fiz o que ele mandou. Fiquei sem roupa. Fiquei com a roupa do corpo mesmo. Fiz o trabalho. Ele fez o remédio *pra* mim. Levei cinco anos doente, cinco anos! Com cinco anos eu consegui minha saúde, graças a Deus. Consegui, mas levei muito tempo doente. Ele me tratou, ele me curou. Só que ele não falou quem era o bicho. Ele só falou assim, que era a mãe do igarapé<sup>12</sup>:

- 5 Usa-se muito a expressão “agarrar” no sentido de pôr-se logo a fazer alguma coisa, tomar uma providência.
- 6 Espécie de fogueira que se faz com pilha de gravetos, arbustos, galhos de árvores. É também uma técnica tradicional agrícola, baseada na queima prévia do terreno para o plantio.
- 7 Pimenta malagueta.
- 8 Casca de uma árvore aromática, usada em defumações para espantar bichos (encantados) e doenças.
- 9 Planta trepadeira grande, comum na região Amazônica, onde é usada para tratamentos de saúde e para espantar maus espíritos.
- 10 Sorte. Usa-se na expressão “à valência”, com o sentido de: “a sorte foi que...”
- 11 Acredita-se que os bichos (no caso, os encantados) judiam da pessoa, isto é, lhe fazem mal físico e espiritual.
- 12 Acredita-se que os lugares da natureza têm mãe ou dono(a), uma entidade espiritual protetora encarregada de cuidar desse lugar. Cada espécie animal também tem a sua mãe espiritual, como um encantado. Na região, dizem as pessoas que “tudo tem mãe”. Por isso, costuma-se respeitar e pedir licença antes de entrar nesses lugares.



- Olha, é a mãe de lá, do igarapé *que tu mora*. Ela é que fez isso *pra* ti, porque tu não *acreditava*.

Mas eu escutava o assobio, escutava *trupé*, eu escutava tudo isso! Só que o meu marido não acreditava em mim. Eu falava *pra* ele, mas só que ele pensava que era mentira. É! Ele levava na brincadeira! Eu *tava* morrendo, mas ele não *tava* acreditando em mim, não. Se não fosse minha família, o que eu tinha sido?

# João de Piligrino e o jacu

*Lucila, Aldeia Muratuba, Rio Tapajós*

João de Piligrino foi à caçada:

- Vou dar uma caçada, vou matar um jacu *pra* comer.

É um pássaro, o jacu. Ele foi, ele atirou no pássaro. O jacu caiu no chão e ele trouxe. Era sexta-feira santa. Ele jogou o pássaro em cima do jirau<sup>1</sup>, e o pássaro disse assim:

- Olhe, João de Piligrino, me trata já!

Ele foi e tratou. O pássaro falou:

- Ai, me trata já!!!

Ele colocou a panela no fogo, deu uma cacetada no bicho e falou:

- Mas, que coisa que não quer morrer!

E o jacu falou de novo:

- Colocou a panela no fogo, João de Piligrino? *Me* depena, já!

---

<sup>1</sup> Palavra do Tupi que significa estrado (ou armação) rústico feito de paus finos ou de madeira que serve para colocar panelas, lavar louças e para tratar do peixe ou da carne. No interior não tem uma casa que não tenha jirau. Nas cidades, a pia substituiu o jirau.



A panela *tava* quente. Ele tratou de depenar o jacu, e então disse:

- Agora, parece que já morreu!

Mas o jacu disse assim:

- João de Piligrino, me trata já *pra miudar*<sup>2</sup>, *pra* por na panela.

E o João:

- Mas, que bicho que não quer morrer!

Ele *miudou*, colocou na panela. Quando acabou de cozinhar, o jacu disse assim:

- João de Piligrino, me come já!

Verdade isso, *diz que!* Foi verdade mesmo. O bicho foi falando, foi falando, foi falando. Mas João de Piligrino comeu. E dentro da barriga dele, o jacu falou, lá dentro, que já queria sair do bucho do homem! Aí, ele foi, fiz a precisão<sup>3</sup>. Foi um exemplo pra ele, que era *pra* contar a história. Terminou a história. Mas, depois que ele botou *pra* fora, quem sabe lá *pra* onde foi aquele pássaro?! Assim, ele acreditou que existia Deus no céu!

---

2 Cortar em pedaços miúdos.

3 As necessidades fisiológicas. No caso, defecou.

# O vulto no cemitério

Hipólito Silva, Aldeia Muratuba, Rio Tapajós

Voltando do Surucuá... Isso já era umas sete da noite. Ele ia pisando<sup>1</sup> *pra* chegar lá na casa dele. Ele vinha pela praia. Quando ele chegou do lado do cemitério, em cima daquelas pedras, ele avistou um vulto em cima da pedra, todo de branco. E ele tinha que passar rés<sup>2</sup> à pedra... Quando chegou defronte do vulto, ele falou com aquele vulto que *tava* lá. Ele disse:

- Boa noite!

Não responderam. Ele disse:

- Tu não tem boca, *felho da pota*!

Ele não fechou a boca, sentiu o tapa<sup>3</sup>. Pá!!! Ele caiu.

Que ele *alevantou*, ele puxou a faca, um terçado 128<sup>4</sup>, que era daquele assim, parecido com uma língua, fininho, só que compridão mesmo! Ele era amolado dos dois lados. Ele usava no lado do corpo, que você nem percebia se ele andava armado. Ele puxou a faca, o facão... E aquele vulto pulou em cima dele. E ele meteu o facão *pra* pegar de ponta. *Isféééé!* Ele metia *pra* lá, ele sentia o tapa. Quando ele enfiava, ele sentia o tapa. E não acertou uma furada não, no vulto. Cada facada que ele jogava

1 Caminhando.

2 Junto, bem perto.

3 Mal ele terminava de falar, já sentiu o tapa.

4 Modelo/tamanho de terçado (facão).

naquele vulto, ele pegava um tapa. E aquele tapa foi até que ele caiu n'água. Quando ele caiu n'água, o vulto ficou lá na beira.<sup>5</sup> E ele disse:

- E agora, pra *mim* sair?

Ele resolveu ir por dentro d'água. Foi por dentro d'água e foi sair só lá no igarapé, lá de Muratuba. De lá, ele chegou *na* casa dele. Mas ele apanhou muito desse vulto no cemitério! Não sabe se é dos que já *tão* enterrados ou se era outra coisa, um espírito mau. Mas ele conta que foi verdade, isso que ele viu, que ele apanhou!

---

5 Os moradores acreditam que visagens não atacam na água. Por isso, quando o homem caiu dentro d'água, o vulto não foi atrás dele.

# Seis horas da noite, no caminho da pescaria

Antônio Ferreira Lopes, Aldeia Arimum, Rio Arapiuns

Eu ia andando. A gente vinha da colônia *pra* beiramar, *pra* pescar, e o meu tio ia tomando umas e outras. Eram umas seis horas da noite, já. Nós não *levava* nenhuma faca, nada. E ele já ia *tontão*. De repente, eu *vi* aquela zoada no caminho, feito uma caça. Aí, eu disse:

-Tio, tio, para aí, para aí, que é um tatu.

Nós se *calemos* e, quando nós se *calemos*, aí foi pedra! Meteu-lhe uma pedrada lá. Daí eu desconfiei. E olhe, quando a pedra vinha dum lado, desse lado direito, vinha do esquerdo também. Veio uma hora, que vinha de cima, de cima *pra* baixo... Eu tentei é correr, e disse:

- Tio, eu vou correr.

Ele disse:

- Meu filho, pelo amor de Deus, não me deixe aqui!

O velho já *tava* era tremendo, a perna já *tava* tonta, mas *tava*, *tava*... E agora?

---

1 Varar vem de vara, aquilo que fura, que abre caminho. É uma palavra muito usada quando as pessoas querem se referir a atravessar uma parte de mata ou igapó, onde não há caminho feito. Tem o sentido de desbravar, enfrentando os desafios da mata fechada, por exemplo. Mas se usa o verbo varar também no sentido de alguém chegar inesperadamente ao local, mesmo que não seja vindo do mato.

- Não, meu filho, pelo amor de Deus, não me deixe!

E aí, o que fazer? Ele ficou lá. A lua saiu mais ou menos umas sete horas. A lua clareou, aquilo parou mais. Então, eu disse:

-Nós vamos seguir, tio, *pro* campo. Dá uns 15 minutos *pra* chegar da mata *pro* campo!

Quando nós tentamos seguir, aquilo foi *tacando* pedra. Teve hora que já ia, aquilo parecia um bode, berrando, tentando varar<sup>1</sup> na estrada *com* nós. Eu peguei um pau e também bati, e aquele bicho caiu. Então, nós *fumo, fumo*, mas tinha hora que vinha perto de nós, só que eu não enxergava aquilo. Aquilo pulava. Eu calculava, assim, tipo um pular de bode. Pulando! Eu não enxerguei. Quando nós *varemos* no campo, aquilo deixou *nós*. E conseguimos varar.

Outra vez, foi quando nós *vinha* de uma pescaria. Isso já foi com outro tio, o Firmino. Já eram umas seis horas da noite, também. Nós *levava* um remo na mão, *ia* com uma cesta de peixe. Chegou lá na frente, meu tio escutou aquela zoada e disse:

- Meu filho, para aí, é uma caça. Um tamanduá.

E, quando ele disse que era um tamanduá, aquilo veio, meteu-lhe um tapa nele e ele caiu.

- Meu filho, pelo amor de Deus, corre aqui!

Eu corri *pra* lá e pensei: o que é aquele bicho brigando com ele? Eu só *vi* a zoada também, daquele bicho! Olhe, ele acabou com o remo que meu tio levava. E ele pegava cada tapa! Com um pouco, aquilo deixou ele. Deixou e nós *fumo* embora!

E eu também não via aquilo, só via que meu tio

apanhava. Ele ainda apanhou bem. Aquilo só não me bateu. Eu levava uma faca pequena, mas não podia fazer nada, porque era meu tio que via. Quando eu via, ele caía lá na frente. E o meu tio, tentando levantar, levantava e batia com o remo. Mas ele não conseguia fazer nada, então deixou. E apanhou bem.

# Escutei na minha casa

Maria Branches, Cuipiranga, Rio Tapajós

Uma noite dessas, eu estava aqui e o menino *tava* aí dentro. Eu não quis chamar ele. Parecia que vinha daí de baixo, parece que vinha.

- *Fi, fi, fi, fi, fi...*

Quando chegou aqui defronte da casa, aquilo queria falar, aquilo *a modo* queria escavar. Parecia que fosse assim um cachorro que *tivesse* engasgado. Mas não era cachorro! Não era! Não era cachorro aquilo que *tava* engasgado. Estava aí defronte da casa. Gritava, queria gritar, mas não podia. Eu senti que aquilo parou bem ali defronte da casa. Aquilo queria gritar, *a modo* queria falar, queria cantar. Não sei o que aquilo queria fazer! E eu, sentada aqui na minha rede.

Passou para o lado de cima daqui e tornou a voltar *pr'aí* defronte da casa, aquele negócio. Mas eu não quis chamar o menino. Podia ele querer sair, e não ser coisa que prestasse. Esteve, esteve, esteve... Daí, parece queria sair para o caminho do porto. Daí foi, foi passando aquela... Aquela coisa! Quase ia devagar, até que não sei o que foi feito daquilo. Era uma visagem<sup>1</sup>, mas não sei, não posso dizer que visagem podia ser... Foi coisa que eu escutei, que eu já escutei aqui.

---

1 Visagem, também pronunciado *visage*, vem do francês e significa cara, careta, visão. Na região, é coisa que mete medo, principalmente de noite em lugares escuros; é aparição, fantasma, assombração, coisa do outro mundo. Acreditamos que os mortos podem aparecer novamente na forma de visagem, assim como bichos ou encantados também aparecem ou fazem visagem. Existem lugares que são conhecidos como visagentos.

Uma noite dessas, uma voz veio me chamar, parecia que tinham sido meus filhos, que tivessem me chamado. Chamou:

- Mamãe, mamãe!

Mas eu não respondi. Digo:

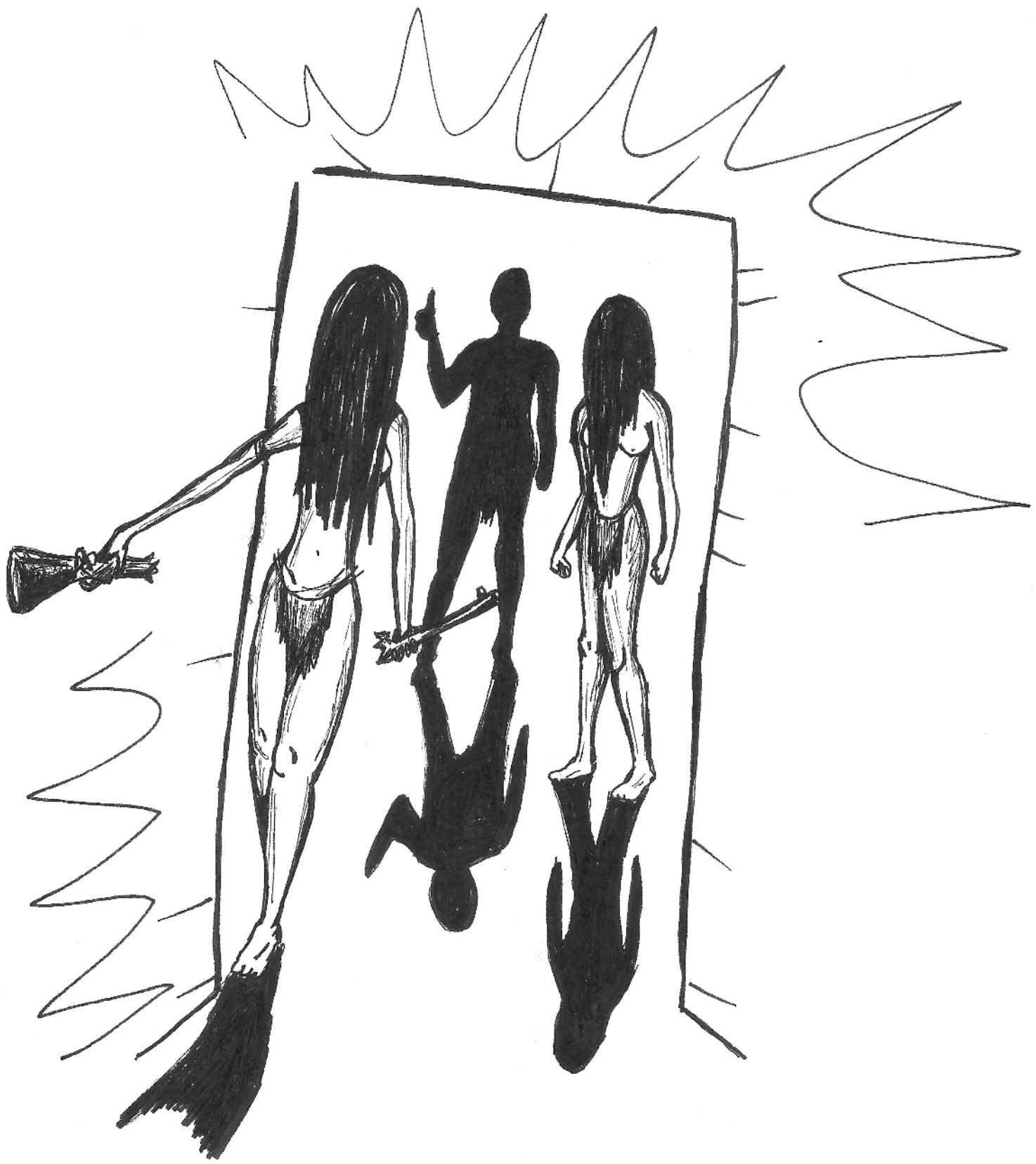
- Será que é o Joró? É o meu Maike, que sai *pra* assistir TV?

*Tava pra* dar onze horas. Quando foi essa noite, ele já estava na cama. Ele chegou, deitou na cama dele. Não era ele.

E o negócio bateu *parma* duas vezes cá *pra* fora! Era batido de *parma* de mão. Agora, eu não sei quem podia ser. Eu não sei o que podia ser.

Eu moro aqui porque... Porque é a minha casa. Muitos, muitos anos atrás, eu já quis vender isso aqui. Mas quem ia comprar? Agora, já gastei um bocado por causa dessa minha casa. Mas eu tenho escutado certas coisas. Quando o meu filho sai *pra* assistir TV, eu fecho a casa e pronto.





## Os visitantes

Maria Enir, Aldeia Zaire, Rio Arapiuns

A gente foi lá no Balaio visitar ele. *Visitemos* ele lá. Muito bem. Aí, eu tive essas perguntas... Que a gente soube, assim por alto, que umas certas pessoas tinham ido visitar ele. E eu perguntei assim pra ele:

- Mas é verdade, mesmo, que *veio* essas pessoas?

- Foi! *Veio* três! *Veio* um homem e duas mulheres. Só que essas mulheres, elas eram com um cabelo assim no rosto delas. O cabelo *não enxergava* a cara delas<sup>1</sup>.

Essas pessoas visitaram ele! E queriam levar o rádio dele, queriam levar o rádio e a espingarda. Queriam levar dele. Ele disse que não! Não era *pra* levar dele! E as pessoas disseram:

- Você sabe onde é que nós *mora*?

- Não!

- Nós *toma* conta daquela cabeceira grande ali, que chamam do Velho. Nós temos uma mãe, daí nós *fica* muito *brabo*<sup>2</sup>. Sabe por quê? Porque atiram nas caças e não matam! *Me dá* muito trabalho *pra mim* cuidar.

1 O cabelo cobria e não deixava enxergar a cara.

2 Vem de barbaru [bárbaru], do Latim, que significava selvagem, bravo. É o que em outras regiões ou classes sociais é expresso nos termos irritado, nervoso, bravo, com raiva etc. Na Amazônia, prefere-se a forma brabo ou braba, que parece estar muito ligada ao comportamento dos animais, que na região têm uma relação muito próxima com os humanos.

3 Do tupi, embiara significa a caça ou o peixe que caçador ou o pescador conseguiu, a presa. É tudo o que a pessoa consegue para a alimentação. Embiara é a caça abatida, que não necessariamente está morta.

Lá só morava ele. E eu disse assim:

- Mas, e aí, o senhor enxergou a cara dela?

Eu, investigando ele, né?! Ele disse:

- Não, senhora. Porque o cabelo estava assim, jogado em cima do rosto. Ela disse que cinco horas eles *vinham comigo* de novo aqui.

Tá bom! E ele foi embora *pra casa* da irmã dele. Quando ele voltou *pra casa*, às cinco horas, é que ele se lembrou. Quando ele chegou, as mulheres *tavam* lá, em pé. *Tavam* lá, esperando ele. Mas ele disse que não enxergou a cara delas, porque elas ficaram com cabelo no rosto, de novo. Elas falaram *pra* ele que era *pra* ele parar de caçar, ou então, que caçasse e matasse a embiara<sup>3</sup>, porque dava muito trabalho *pra* elas.

Devia ser a curupira, né?!

Foi isso que ele contou *pra* nós. Só deram esse recado, mas eu acho que depois voltaram *pra* matar ele, porque ele morreu! Morreu buchudo, ele! Muito barrigudo! Porque ele vivia sozinho, né?! Ele vivia sozinho e foi visitado pelos bichos. Com certeza! Com certeza que foram esses bichos. Porque... Como a gente não vai conhecer uma pessoa assim, que *tá* sozinha? Que vem conversar com a gente, né?! Só pode ser uma pessoa, como diz assim, invisível, um espírito. É o que falam... Porque eu nunca enxerguei um espírito, mas, como eu digo, eu tenho até medo.

## O capote

Zomar Pedroso Lopes, Pinhel, Rio Tapajós

1 Puxirum vem do Tupi, e suas formas mais antigas eram potirô ou motirô. Daí vieram as palavras puxirum e mutirão, que possuem o mesmo sentido. No Pará, puxirum é muito usado para significar o trabalho coletivo tradicional, aquele em que as pessoas trocam dias de serviço na roça ou limpeza de caminhos. Mas puxirum é mais do que trocar dias de trabalho, é trabalhar junto em um clima de festa e alegria. É um trabalho baseado na reciprocidade, na troca, no rodízio entre as famílias, de forma que na pequena aldeia ou comunidade cada um ajuda todos os outros, e todos ajudam um. Atualmente, a prática do trabalho pago ou assalariado, individual, está enfraquecendo o costume do puxirum, o que é uma pena, pois o trabalho pago jamais vai trazer a alegria e o prazer do trabalho em puxirum, que sempre acabava em festa.

2 A expressão traduz “à valência”. Muitas vezes se pronuncia “quevar que” ou “que te var”. Nessa última forma, aparece frequentemente designando o que é falado pelos bichos que gostavam de carregar as pessoas: o Mapinguari, Jurupari ou o Capote. Por exemplo, na hora que eles já estavam levando uma pessoa, e que chegavam outras pessoas e salvavam a vítima, o bicho jogava a presa e dizia para ela “que te var!”. E sumia no mato. Ou seja, ele dizia, “a tua sorte foi eles terem chegado”, senão...

O capote era o seguinte. Eu não sei o que era capote, mas os meus pais, os meus avós contavam que ele era um homem de veste preta, era tipo um padre. Mas ele... Ele agarrava as pessoas e levava! O que ele gostava muito era de mulher. As mulheres não podiam sair sozinhas que ele atacava, agarrava, pulava na costa. Inclusive, uma vez o meu pai contava que uma tia deles *tava* no puxirum<sup>1</sup>. Que antigamente tinha muito puxirum. Então, o capote pegou, agarrou ela e levou ela. Quando ele chegou lá em cima com ela, onde o pessoal estava trabalhando no puxirum, eles gritaram e correram lá. O meu pai gritou:

- Aron, olha, é o capote que vai levando, já vai levando a mulher não sei de quem.

Correram *pra* lá, gritaram, ele deixou a mulher lá. Aí, o capote falou:

- O que te vale!<sup>2</sup>

Lá em Apacê, o capote foi atacar um homem. O homem tinha uma faca, e puxou pela faca! O capote queria agarrar ele. Como o homem puxou pela faca, então, esse bendito capote, quando ia atacar ele, acabou pegando na faca. Quando o capote

tirou a mão, ele olhou, viu o sangue dele na mão e disse:

- O que te vale!

E *sortou* o homem.

Então, antigamente tinha esse capote. Eu não sei o que era esse capote, eu não sei se era índio que se *ingerava*<sup>3</sup> pra fazer essa arrumação<sup>4</sup>. Essa é a história que tinha aqui em Pinhel, e eu tô contando essa história porque tem muitas pessoas que não sabem o que é que é o capote. Como eu também não sei. O que eu posso dizer... Eu quero dizer que é algum índio velho que se *ingerou* e fazia essa arrumação e levava as mulheres. Ele gostava mais era de mulher, carregava as mulheres e essa é a história que eu conto.

Agora, ele sumiu! Nunca mais! Quando eu me entendi, eu ainda *vi* o grito dele, um grito muito feio. Ele gritava *demais forte*, que aquilo enchia a mata. Ele gritava, ele gritava assim: *Aaaaaaaahhhh...* Tipo um grito: *Ôooooooooohhh...* Parecia uma buzina! *Orhorhorhorh...* E ele alteava a voz: *Uouououououououo...*

Aquele grito ia enchendo. Parece um grito no peito dele, que *chega roncava*<sup>5</sup> aquilo! Aquilo ali era feio! O grito do capote, ainda cheguei a *ver* o grito dele! Era feio mesmo, fazia demais feio! Ele era assim; depois sumiu. Até hoje a gente não vê mais nada de capote, então ele sumiu, acabou-se com ele.

3 Ingerar é um termo regional que se refere à transformação, à metamorfose de pessoas em animais, de animais em pessoas, de animais em outros animais etc. É uma crença antiga e generalizada entre os indígenas na Amazônia que animais e vegetais podem o tempo todo se ingerar ou tomar outras formas. Hoje, mesmo moradores não indígenas acreditam que algumas pessoas têm poder para se ingerar em cobra, bode, onça cavalo ou qualquer outro animal.

4 Invenção desnecessária, traquinagem, alguma coisa arriscada.

5 Chegava a roncar.

# O curupira no caminho

Guilherme Floriano (Guerra), Aldeia Takuara, Rio Tapajós

Naquele tempo eu tomava umas cachaças meio grandes mesmo. E fui embora daqui, cheguei lá no Pini. *Tava* com os amigos, começamos a beber. Quando olhei no relógio, eram seis horas da tarde. Então, eu disse:

- Vou *m'embora*, que a mulher tá me esperando.

Peguei a bicicleta e vim *m'embora*. Tem uma casinha lá no meio do caminho. Quando eu vinha passando, alguém aguentou<sup>1</sup> a bicicleta. Eu olhei *pra* trás, era um menino. Eu disse:

- É tu que é o curupira?

Ele sacudia a cabeça que era.

-Tu *quer* beber cachaça?

Sacudia a cabeça que queria.

Peguei uma cuia de cupu<sup>2</sup>, enchi de cachaça e disse:

- Toma aí, mas fica aí que eu vou *m'embora*. Aí a bicicleta ia *pro* caminho, ia *pro* mato, mas eu vinha *m'embora*. Quando eu cheguei, bem aqui mais na frente onde tem uma

1 Segurou, freou.

2 Cupuaçu, uma fruta regional.

samaumeira<sup>3</sup> grande, lá a bicicleta aguentou de novo. Eu olhei, e era ele. Então, eu disse:

- Tu é o curupira mesmo?

Ele sacudia a cabeça que era, mas não falava nada.

- Quer cachaça?

Sacudia a cabeça.

Peguei um ouriço de castanha, enchi de cachaça e disse:

- Olha, bebe cachaça e fica aí.

Ele olhou pra mim e disse:

- *Shi!*

E foi embora com a cachaça dele.

Foi isso que aconteceu comigo. Mas foi uma coisa verídica mesmo. Não é história não, foi verdade que aconteceu!

Depois, eu cheguei *em* casa e a mulher disse:

- O que é que tu *fazia*?

- Rapaz, eu *tava* bebendo pinga lá no Pini e vim *m'embora*. Quando cheguei, aconteceu isso comigo.

- Mas é verdade?

- É!

---

3 A samaumeira ou sumaumeira é uma árvore frondosa, nativa da floresta amazônica. Destaca-se em meio às demais por atingir a altura de até setenta metros. Sua copa tem uma enorme extensão, já que possui ramos horizontais longos e abundantes.

Ela queria ir lá ver ele.

- Não, agora tu não *vai*, não. Não é possível, já é noite!  
Ele ficou *pra* lá. Só disse “*shí*”, e pronto! Não disse o resto! Não  
completou a palavra. Só disse “*shí*”, e pronto!





## A casa da mãe do mato

*Eliseu Laurido, Vila Amazonas, Rio Amazonas*

Eu vou contar a história do Seu Hipólito.

Uma vez o Seu Hipólito foi caçar e achou uma árvore. Uma árvore que dava uma frutinha muito gostosa. Ele ficou embaixo dela, amarrou a rede dele lá. Ele pensava que lá passava muita caça. Quando foi de noite, umas sete horas da noite, ele escutou um barulho de caça. Corria, passava longe dele. Ele verificou a

lanterna. A lanterna *tava* boa. Quando ele viu, vinha um negócio andando, batendo folha no rumo dele. Ele ficou parado lá. Aí, o negócio ficou parado também. Ele *afocou*<sup>1</sup> a lanterna, e não era nada. Não viu nada. Tá. Deitou lá. E era grosso, o pau da rede dele.

Quando viu, já vinha de novo, mas eram dois. Vinham dois, dois negócios pisando *pra banda* dele. Quando ele deu, os dois negócios ficaram bem embaixo da rede dele. Ele ficou olhando... Ele *afocou* a lanterna, mas ela não pegou. Ele trocou a pilha. *Afocou, afocou*. Trocou a pilha. Rodou e tentou *afocar pra cima*, mas não conseguiu acender a lanterna. Quando ele já *tava* já quase desanimando, aí os dois negócios pegaram e deram três sacudidas na rede dele. Ele ficou muito com medo!

Ele pegou, desmanchou a rede dele, deixou lá a rede dele. Pegou a espingarda e foi embora. Quando ele já *tava* chegando *na* estrada, ouviu um assovio, um assovio *pra trás*. Ele fincou na carreira<sup>2</sup>! Ouviu um assovio *pra trás*, um assovio *pra frente*. Até que ele chegou *na casa* dele. Ele morava com a mãe dele, mas ele *tava* sozinho naquela noite. Então, ele correu *pra casa* do compadre dele. Chegou *na casa* do compadre dele, ele nem pediu, foi entrando com tudo. Chegou lá, contou tudinho o que era o negócio.

Ele *tava* muito com medo. Depois disso, ele não fazia mais nada, deixava tudo *pra lá*. *Pra* tudo ele tinha que ter companhia, porque ele tinha muito medo. Até que a Dona Rita curou ele. Dona Rita era uma curandeira. Curou ele e disse que nunca mais era *pra* ele ir lá, porque lá era a casa da mãe do mato.

---

1 De focar, ou seja, iluminar diretamente, apontar a direção do foco da luz num rumo preciso.

2 Partiu na carreira, saiu em debandada.

# Acordo com a curupira

Francisco Godinho Campos, Aldeia Caruci, Rio Arapiuns

Um caçador saiu pra caçar. Mas choveu muito, e ele perdeu a direção, se perdeu no mato. Só que ele era acostumado a caçar, era um caçador profissional. Então, quando ele chegou próximo do *garapé*, ele viu uma curupira batendo numa *sapopema*<sup>1</sup>. Ele se aproximou de lá, *tava* mesmo chegando tarde, *tava* escurecendo já. Ele agarrou, cortou um cipó e disse:

- Olha, curupira, eu vou ficar a noite aqui, mas eu quero que tu me *guarneça*<sup>2</sup>. Eu vou te dar um cigarro.

Ele fez um cigarro e colocou lá em cima da *sapopema*, do pau, da raiz. E ficou lá. Ele cortou o cipó na altura dele e subiu. Chegou lá em cima, no cipoal, e se ajeitou bem *pra* não escapulir. E ficou lá. Quando *foi* umas oito horas da noite, ele *viu* o grito, do rumo de onde ele tinha vindo. *Viu* aquele grito forte, que gritava:

- Êêêêêêêêêê...

Ele viu que era um grito diferente, estranho. Chegou mais perto, gritou de novo. Quando ele chegou *na* beira do *igarapé*, que ele *tava* meio perto, aí fazia aquilo:

- *Coróroróroróroê êêêêêêêêêê coróroróroróro...*

1 Sapopema ou sapopemba, nome popular de uma árvore típica da floresta tropical. Ela mede cerca de 20 metros de altura e tem raízes tubulares, muito largas e altas (até dois metros de altura). A palavra deriva do tupi, da junção dos termos *sapó* (raiz) e *pem* (anguloso, com protuberâncias).

2 Aqui, *guarnecer* tem o sentido de cuidar, proteger.

Era um negócio! Aí ele viu que era o jurupari!

- Poxa vida, meu pai do...

A curupira sempre batia pena na *sapopema* e assoviava. Então, ele se aproximou de onde ela *tava*. Quando ele viu, foi o tapa que a curupira deu no jurupari. Ela meteu-lhe o pau, e esse jurupari correu. E ela correu atrás! E só se ouviu o estrondo. A curupira batendo! Meteu o pau, bateu, bateu! E o jurupari, correndo, até que ele sumiu. Aí, o caçador viu que ele gritou muito longe já. E ela ficou a noite toda rondando, rondando lá onde ele *tava*, o pau em que ele *tava* trepado. Quando amanheceu o dia, que ele veio ver o sol sair, ele ainda disse pra ela:

- Olha, eu vou deixar mais um cigarro aqui, *pra ti* me mostrar a direção *pra* onde eu tenho que varar, *pra* onde eu tenho que varar.

Ele desceu, deixou o cigarro e foi embora. Ela não judiou dele. Porque quando a gente conversa bem com a curupira, que á é mãe da mata, ela não judia. Pelo contrário, ela defende muita gente porque ela é a mãe do mato. E foi isso que aconteceu.

# Assovio de curupira

Rosivaldo Sousa, São Pedro, Rio Arapiuns

Uma vez, eu trabalhava com o Antônio lá no Tijolo. A gente subia *pro* mato, onde tinha uma curandeira. Ela avisava a gente que não era *pra* gente comer os peixes, se a gente visse alguma coisa *pr'ái*.

Tinha um terreno chamado “Sem Sal”, e a gente passava lá *pra* caçar. Toda vez que nos passávamos lá, na terra preta tinha duas *samaumeiras*. Antes que chegasse lá, a curupira avisava logo, e começava a assoviar. Assoviava, assoviava, assoviava. Que quando a gente ia seguindo, ela ia também assoviando, rodeando a *samaumeira*, até a gente chegar no mato e ela ficar lá. Quando nos voltávamos de tarde de novo, quando a gente vinha chegando lá, ela começava a avisar. Assoviava, assoviava até a gente passar. Quando a gente passava, assim que chegava *no* igarapé, ela se calava também. Nunca a gente mexeu com ela, e também nunca ela mexeu com a gente. Apenas avisava que a gente não era *pra* mexer com ela. Se mexesse com ela... Sempre quando a gente mexe com ela, ela fica braba. Às vezes, ela bate na gente mesmo, ela aparece. Acontece que nem a história de um tio meu.

Ele veio pescar, tomou umas pingas e foi subir no caminho *pra* ir *pra* colônia. Levava uma cambada de peixe. Quando

- 1 Esculhambar, nesse sentido, é chamar atenção de alguém de forma muito irada, quase gritando, ralhar.
- 2 Sensação da presença do curupira por perto.

ele chegou lá no meio da estrada, ela apareceu *pra* ele. Ele falou *pra banda* dela, esculhambou<sup>1</sup> com ela. Ela botou-lhe a mão nele, ele caiu. Ele levantou, pegou a cambada de peixe e correu, correu. Chegou lá diante do igarapé, quando foi de novo, ela sentou-lhe a mão nele. Ele caiu. Quando ele chegou lá perto da casa dele, que ele gritou, o pessoal foi ver. Era ele. Ele levava uma cambada de peixe, mas o peixe já tinha ficado todinho no caminho.

Por isso eu acredito que, muitas vezes, não é bom a gente abusar e nem falar besteira quando a gente vê o curupira. Porque onde eu andei, em muitas matas, caçando, eu vi muito remorso de curupira<sup>2</sup>. Agora, eu nunca abusei e nunca mexi com ela. E, também, nunca ela me mexeu.



# O mato tem dono

Francisco Lopes dos Santos (Tapioca), Cuiquiranga, Rio

Arapirans

O cara saiu *pra* caçar, entrou no mato. Mato bonito, limpo. De longe ele enxergou uma árvore grande que tinha aquelas *sapopemas*, um tauarizeiro que tem aquela *sapopemas*. Quando ele chegou perto, ele enxergou aquele *virto*. Parecia um *virto* de uma pessoa deitada. Quando ele chegou lá perto, o *virto tava* roncando... Barbado, um bicho assim, peludo, parece um macaco, parecido com uma pessoa. “Isso não é gente!” – ele disse – “E, se não é gente, eu vou já dar um tiro nisso”!

Chegou lá perto, armou a espingarda *pra* atirar na cara do bicho. Engatilhou a espingarda e soltou-lhe na cara do bicho. *Paaaá!!!* Na cara do bicho. O bicho bateu e disse:

-Ai, carapanã<sup>1</sup>.

O chumbo caiu *tudo* lá no chão. O bicho bateu e pensou que tinha sido um carapanã. Ele foi saindo devagar e se mandou! Não era pessoa, era o chamado jurupari. Toda a valência dele era porque o bicho não farejou ele, senão o bicho tinha comido ele.

Eu tenho escutado muitas histórias! Mas eu nunca encontrei, não. Não encontrei mesmo, porque era meu sogro que

1 A palavra carapanã vem do Tupi, e quer dizer mosquito, pernilongo, muriçoca, mais usados em outras regiões do Brasil.



contava essas as histórias. Aqui, aqui mesmo, eu nunca ouvi falar de que tinha jurupari, não. Mas, agora, o que eu ouvia falar era um tal de curupira! Curupira e, depois, o saci. O saci, ele é o mesmo que a mãe do mato, mãe do mato mesmo. Um tempo tinha uma senhora que *tava* aqui com nós, uma curandeira, e ela dizia:

- Olha, meu filho, quando a gente vai caçar, a gente, antes de entrar no mato, na boca do caminho, a gente bate o pé três vezes e pede licença. Pede licença: “Dono, dona daqui, deixa eu caçar”.

Porque se é mesmo, se é verdade mesmo, será que eu vou entrar na sua residência sem pedir licença? Você não ia achar muito bom, né?! E é assim com qualquer pessoa. Sem pedir licença *pro* dono?! A mata tem dono, a mãe do mato. E ainda tem mais! Que, se duvidar, ela pega a pessoa, *pra* se perder por aí. Pois é. É por isso que muito se perdem, porque não pedem licença *pro* dono. Porque a mata, a mata tem dono. Ainda mais essas matas grandes!

Aqui dizem que o mato é pouco, dizem que tem o saci. Ouvi dizer que o saci é o dono do mato mesmo, que quando ele quer sacanear com a pessoa... Tem um folheto que diz que, quando começa um redemoinho, quando aquelas folhas *tão* subindo, diz que é ele que *tá* brincando. Quando não, ele espanta galinha lá *pra* beira!

- *Caiã, caiã, cam, cam, cam!* Arriba, arriba, arriba, arriba, arriba, arriba, arriba!

É ele que *tá* espantando, ele que *tá* fazendo de besta o dono da galinha. Ele se esconde e fica rindo da pessoa!

# O gritador

Maria Regis Santana (Dona Sinhá), Aldeia Aningalzinho, Rio

Arapiuns

Pois é, a gente morava no meio da mata. A nossa casa era de palha, era porta de *japá*<sup>1</sup>, a parede era de palha. Sempre a gente usava lamparina acesa, à noite. A mamãe amontoava um bocado de latinha de leite e colocava a lamparina atrás.

Quando foi uma vez, ela *tava* acordando a agente, chamando a gente. O papai já tinha saído lá *pra* fora. Ele já tinha feito uma coivara, uma fogueira. Aí, nós *escutemos* um grito longo. “Mas, quem? Gritando uma hora dessas”? Então, o papai disse:

- Olha, eu acordei vocês porque, se for preciso nós *sair* daqui, nós *vai* sair agora. E, se não for preciso, a gente não vai sair.

- Mas, papai, o que é isso?

- Olha, não sei se não é o famoso jurupari. Mas, se for, ele não encosta onde tem cachorro e nem fogo.

---

1 É um tecido de palha usado em portas, janelas ou cobertura de casas e canoas. Muitas casas do interior ainda usam porta de japá.

Então, nós saímos. Como nós *era* umas crianças assim, danadinhas, espertas, nós saímos *pro* lado do papai. Além da lenha que ele já tinha tirado à tarde, nós também já tínhamos

feito um roçado. Nossa casa era meio dentro da roça, no roçado, então nós fomos puxar a lenha que tinha lá. Acendemos uma piraquera<sup>2</sup> – que não tinha lanterna, era uma piraquera que a gente usava. Acendemos e saímos *pra* puxar lenha. *Puxemos* o pau e pusemos fogo, e botamos lá na coivara, na fogueira. Aí, o grito veio! Ele veio, ele veio, ele veio, ele veio. Depois calou. Quando ele se calou, o papai disse:

- Olha, ele já percebeu o fogo e os cachorros começaram a gritar.

Os cachorrinhos começaram a gritar, começaram a gritar, começaram a gritar. E mais nós *atentava* os cachorros. Nós *fazia*:

- Isca, isca, arriba, arriba, pega, pega.

E nós *avançava pro* caminho da roça. Nós *avançava pro* caminho da outra roça, que tinha mandioca madura. A gente trabalhava, o papai, a mãe, e nós *ia* lá tirar mandioca e ajudar eles. Assim foi que nós não dormimos mais o resto da noite.

A gente não usava relógio, mas o papai era muito por dentro de saber a hora olhando na lua, olhando no sol, e o papai disse que eram umas três horas da madrugada quando ele se calou. Ele não gritou só uma vez, nem duas, ele gritava *afetivo*<sup>3</sup>:

- Pii...

Parecia que *tava ribando* um cachorro quando tá correndo veado<sup>4</sup>. Porque nós, que *moremos* na mata, nós temos o som da mata, nós *caça* de cachorro e nós *tem* dois gritos: um grito *pra* arribar cutia, ele é curto; quando a gente sabe que o cachorro tá correndo veado, a gente arriba, a gente grita com atrito, *pra* dar

2 Do Tupi: pirá = peixe + kuera = morto, finado ou que “já era” = pescaria noturna com fochos e lanternas indígenas. Ou seja, “matança de peixes”. Piraquera é um tipo de lanterna feita com uma lata usada e uma parte que protege o fogo contra o vento. Bem antes das lanternas de carbureto e das mais modernas lanternas de pilha ou outras baterias, os pescadores só usavam piraquera. Durante as noites, era comum ver a beira do rio Tapajós toda iluminada com muitos pontos de luz das piraqueras.

3 O termo *afetivo* aqui, provavelmente, tem o sentido de “efetivo”, ou seja, é usado para dar ênfase, dar a ideia de que o jurupari gritava efetivamente, realmente, com força.

4 Grito para fazer o cachorro correr atrás de um veado, numa caçada.

a respiração da gente. E assim era. Parece que era um homem que vinha arribando um cachorro caçando um veado!

Graças a Deus, nunca mais nós vimos. Não sei o que era aquilo, não sei se era mesmo jurupari. Ele não se deu bem, porque viu que nós *tava* com a coivara acesa, a fogueira, e os cachorros que gritavam! Que grito de cachorro, a gente escuta longe! E graças a Deus, nunca mais nós vimos. Eu não sei, não vou confirmar que era jurupari ou que não era. Ou se era outro gritador! Mas, que gritava, gritava! É isso que eu sei contar desse tempo que a gente morou aí dentro da mata.

# Jurupari não grita mais

Maria Raimunda Laranjeira Pimentel, Tauari, Rio Tapajós

Essa história do jurupari, o compadre João me contou que, quando eles eram crianças, eles iam para a roça trabalhar. Um certo dia, eles estavam trabalhando na roça, eles escutaram um grito muito longe, um grito muito forte. Todo mundo correu para a canoa com medo, e o pai dele falou para ele que era o jurupari. É um bicho que tem na mata, ele tem a boca no peito. Se pegar qualquer pessoa, ele come. Um bicho muito perigoso! Bala não entra nele. Só se acertar na boca, para matar o jurupari.

Eles contavam que antigamente aqui, quando não tinha essa *desmatação*<sup>1</sup> muito forte, essas derrubadas, era só mata virgem, então sempre eles ouviam o grito do jurupari. Sempre que *tavam* na roça, sempre corriam com medo. Esse bicho baixava<sup>2</sup> gritando. Ele sente – *diz que* – as pessoas de longe. E ele vinha gritando...

Hoje em dia, praticamente a gente não ouve mais. Esses antigos contam que é por causa da grande *desmatação* e derrubada, que vão destruindo e vão destruindo, e espantando os bichos *pra* longe da floresta. Por causa dessa grande *desmatação*, a gente nunca mais ouviu mais falar de jurupari. Nunca mais ouvi falar que ele grite, ou que eles ouçam. A zoada, nunca mais eu vi.

---

1 Desmatamento.

2 O termo baixar é usado para indicar o deslocamento do centro da mata para a vila ou a beira do rio, ou do interior para a cidade. Nas cidades, baixar pode ser ir para o centro comercial, que normalmente fica na beira do rio, na frente da cidade.



## O tesouro enterrado

*Hipólito Silva, Aldeia Muratuba, Rio Tapajós*

Já *tava* madurão o rapaz. Nós *fazia* farinha lá na comunidade, que era Camará e hoje é Vista Alegre. Nós *fazia* farinha lá, eu com a minha irmã. Nós anoitecemos fazendo a farinha. Nós viemos de lá já eram umas oito horas da noite, só que era luar. A estrada passava rés ao barranco.

Quando *cheguemos* onde é minha casa, passando um pouco era a casa do finado Júlio Castro. O caminho descia lá, descia um barrancozinho e subia lá na frente. Na descida que nós *ia* descendo, eu fui deparar com um vulto que tinha mais ou menos uns dois metros de altura e quase um metro de grossura. Era o vulto de uma pessoa. *Tava* bem perto, bem, bem, bem no caminho! Era de noite, só que era luar. Aquele claro da lua dava bem mesmo em cima, e eu compreendi que era uma pessoa, aquele vulto grande. Aí, eu escorei. No que eu escorei, a minha irmã veio atrás de mim, deu de testada na minha cara. *Teii!!!* Então, eu disse:

- Cala a boca e aquieta! Espia<sup>1</sup> aí *pra* frente!

No que ela enxergou, ela me puxava *pra* trás, *pra mim* voltar. Voltamos, descemos lá onde é hoje meu caminho, descemos pela beira e fomos lá pela praia. Nós *morava* aqui, desse lado do igarapé. Depois, quando eu casei, é que eu mudei minha casa *pra* lá.

Uma noite eu vinha da pescaria. Era uma meia noite *pra* uma hora da manhã, no que eu encostei lá no porto de casa. Era noite, era tempo de cheia, dava muito peixe arpoado na zagaia<sup>2</sup>. Eu *tava* enfiando os peixes. Quando eu vi, foi *a modo* que derramou um monte de lata lá do barranco *pra* beira da água. *Babarabababa!!!* Aquele monte de lata. Eu arregacei o fogo da lanterna. *Lumiava pra* cima e enfiava o peixe, *lumiava pra* cima e enfiava o peixe. Eu pensei: “eu tenho que subir aí”. Até que eu subi. Cheguei lá *em* casa, contei *pras* duas. Passou aquela noite.

Na outra noite eu não fui pescar, eu fui dormir. No sonho que eu *tava* sonhando, a nossa casa era uma casa de barro. O quarto da frente só era aquelas fitas. Tipo fita que faz daquele papel crepom que trança, ela fica tipo um “x”. Mas só que aquelas brilhava, aquelas fitas. Eu digo:

- 1 Usa-se muito o verbo espia, na região, quando se chamar a atenção de alguém para algo. O sentido é o mesmo de “Olha!”.
- 2 Lança curta de arremesso, usada em técnica tradicional de pescaria na região amazônica.
- 3 Esta é uma das mais típicas palavras regionais. Trata-se uma adaptação portuguesa para um termo do latim: *iliarica*, que evoluiu para *ilia*, que quer dizer os dois lados inferiores do baixo ventre. Ou seja, ficar na ilhargá é ficar encostadinho na cintura, corpo a corpo. O sentido é na beira, pertinho, juntinho, ao lado. Fala-se também “ilharguinha”.
- 4 Um homenzarrão

- *Pô*, a minha casa *tá* enfeitada!

Eu entro *pro* outro quarto lá de trás, e *tava* enfeitado. Mas era tudo assim, tudo *a modo* que brilhava. E quando eu saio *pra* cozinha, era uma cozinha que não era cercada, era de palha e tinha um fogãozinho de lado. E uma mesinha que ficava bem no meio da casa. Quando eu entrei *pra* cozinha... O dito, que eu tinha visto lá no barranco, *tava* lá na ilhargá<sup>3</sup> da mesa! O dito vulto do homem *tava* em pé do lado da mesa! Olha lá o *marreta do macho*.<sup>4</sup> No que eu deparei com ele, ele disse:

- Rapaz, não fica com medo, não fica com medo. O que é *pra* ti *tá* bem embaixo desse fogão aí. Tu *pode* tirar *pra* ti.

Aí, eu me acordei! *Me* acordei e chamei:

- Ju! Ju! Ju! Ju!

- O que é?

- Rapaz, eu sonhei agorinha que o cara veio dar dinheiro *pra* mim, *tá* bem embaixo do fogão.

- Porque tu *contou*? A gente não conta, rapaz.

- Mas ele não veio me dar? *Taí* embaixo do fogão, amanhã eu vou cavar.

De manhã cedo eu fui lá:

- Bem aqui, o cara disse.

- Mas tu já *contou* de novo? Então não vai aparecer *pra* ti. Nós vamos *em* Santarém, a mamãe tem aquele material que os garimpeiros usam, o azougue<sup>5</sup>. O azougue, aquilo é bom!

5 Termo vulgar para mercúrio.



Chegando lá, ela *tava* contando pra minha sogra. Então, a minha sogra me disse:

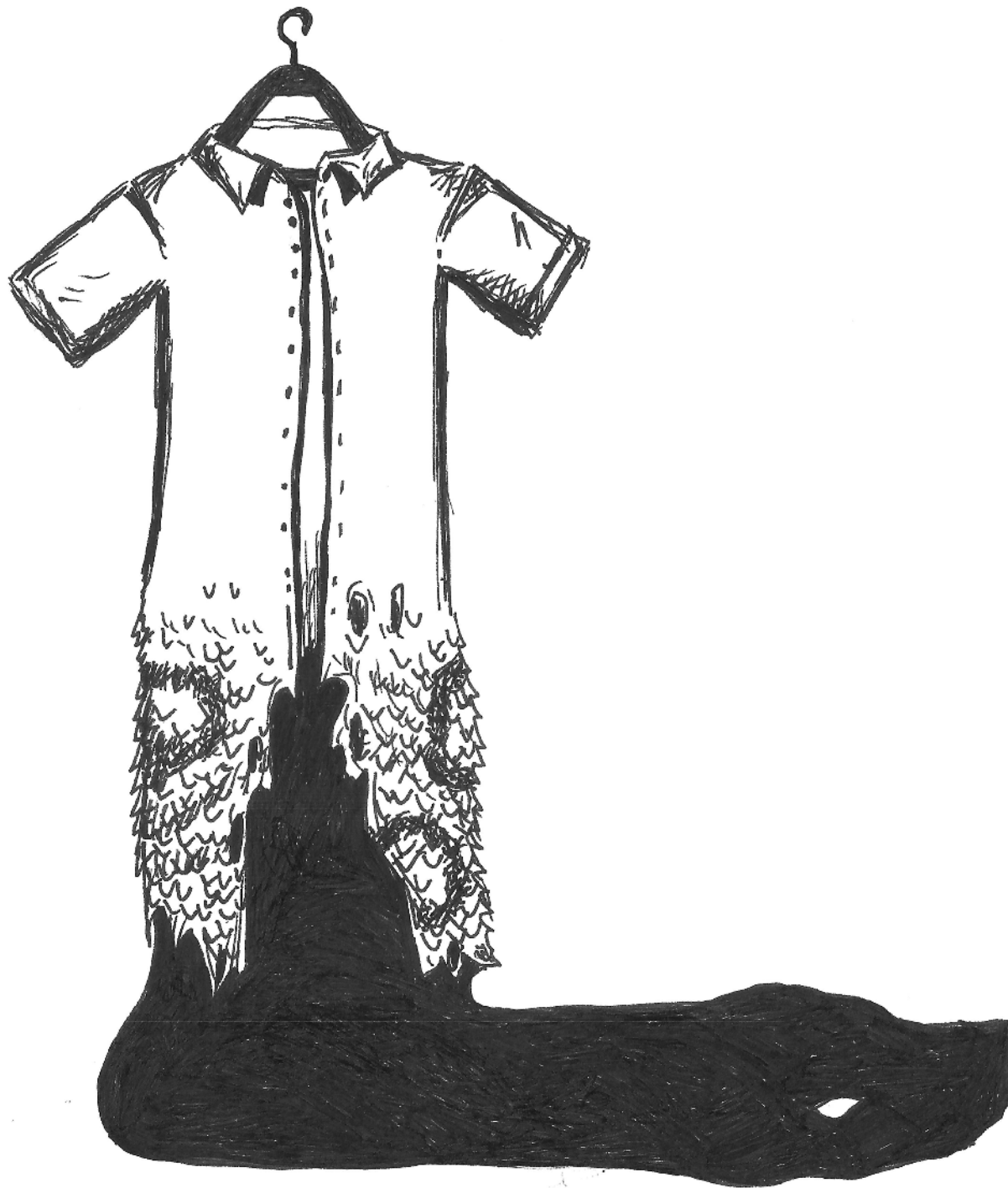
- Meu filho, tu *leva* o azougue, o azougue descobre. Que ele vai aonde tiver. Tu *vai*, tu *cava* lá, que é lá que *tá*.

Ela me deu um vidro cheio de azougue. O marido dela trabalhava no garimpo. Eu levei, cheguei lá *em casa* no outro dia e disse:

- Eu vou já fazer o trabalho!

Peguei o vidro do azougue e derramei um bocado lá no chão. Do jeito que eu derramei, desse jeito ficou, não correu nem *pra* um lado e nem *pra* outro. Eu digo: *tá aqui!* Meti o ferro, cavando. Cavei quase um metro, não achei foi nada. Não apareceu, não.

Diz que, quando a gente conta, não aparece; some. Eu sei que eu perdi esse tesouro!



# Merandolino cobra grande

*José Maria Branches, Cuipiranga, Rio Arapiuns*

Eu ouvia muitas histórias que contavam desse Merandolino. Se eu for contar, é porque eu ouvi falar. Eu não sei se é esse mesmo ou se é outro. Ele morava aí nesse Cuipiranga. Esse Cuipiranga, ele vendeu e foi *pro* Mapará, já aí *pra banda* do Arapiuns. E tem muitas histórias, esse Merandolino...

Uma que eu conto é que ele foi pra Santarém. Quando chegou lá em Santarém, ele topou, ele enxergou uma lavadeira lavando roupa lá na beira da praia. E lá tinha uma canoa puxada em terra, lá na beira da praia de Santarém. E ele pediu *pra* lavadeira lavar uma roupa *pra* ele. Ela disse que lavava. Ele perguntou por quanto era o trabalho de lavar a roupa, e ela cobrou cinco cruzeiros. Naquele tempo, no tempo do cruzeiro, muito antigo. Ele pagou e disse pra ela:

- Você faz o favor de pegar lá embaixo, naquela canoa que *tá* com a boca *pra* baixo. *Tá* lá, a roupa.

Ele foi embora e desapareceu. E ela foi embora ver a roupa. Chegou lá embaixo da canoa, não era roupa. Era só casca de sucuriju<sup>1</sup>, era só casca! Ela deu um grito e se espantou! Foram ver, e não viram nada. Era a roupa desse Merandolino! Não sei se é história.

Ele era a cobra, né? Porque ele era a cobra grande.

---

1 Cobra muito grande da Amazônia, que aparece frequentemente nas comunidades ribeirinhas. Os moradores devem se proteger e também as suas criações (galinhas, patos, marrecos, novilhos), pois a cobra tem tanta força que esmaga e engole presas inteiras.



# Ponta do Toronó, lugar do Merandolino

*Jandira, Aldeia Caruci, Rio Arapiuns*

A Ponta do Toronó é um dos pontos sagrados daqui da aldeia. Acredito que muitos já até ouviram falar da ponta do Toronó, por conta do paradeiro do famoso Merandolino.

Segundo os nossos antepassados, diante dos nossos conhecimentos, nós acreditamos que o Merandolino está presente, situado naquela ponta, às margens daquela ponta. Merandolino foi um homem que viveu no Rio Arapiuns. Após a sua morte, nós acreditamos que ele veio e morou em definitivo naquela ponta. Está definitivamente morando na Ponta do Toronó. *Pra* quem não conhece, é uma praia muito linda. E, *pra* quem não conhece a lenda do Merandolino – que dizem que é uma lenda, mas *pra* nós ele é algo sagrado –, naquela ponta a gente sente a proteção dele ali, presente para os pescadores, os moradores.

Nós, que moramos, nós temos aquela convicção de que, quando nós pedimos sua proteção, ele nos dá essa permissão de chegar lá, nos banhar. Lá é um lugar onde até tem bastante peixe. Mas não são todos que podem chegar lá e pegar esse peixe. Porque os pescadores dizem que, quando ele não quer dar peixe, ele não dá mesmo *pra* ninguém!

Meu pai conta, minha mãe conta. É uma lenda viva pra nós.

# Maria Rosinda

*Maria Raimunda Laranjeira Pimentel, Tauari, Rio Tapajós*

Maria Rosinda era uma moça que, pelo que os antigos contam, morava aqui nessa comunidade. Certo dia, ela agarrou, foi para a beira tomar banho às seis horas. E nunca mais voltou. O pai dela procurou um pajé da região, e o pajé falou *pros* pais dela que a Maria Rosinda estava encantada! E que, depois de um ano, mais ou menos, ela ia aparecer. Depois de um ano... Passou-se um ano, e os pescadores começaram a ver Maria Rosinda.

Ela flutuava e cantava. Era uma moça muito linda. Os antigos contavam que ela aparecia mais ou menos ali, numa enseada que chamam de Enseada do Seu Ari. Então, ela começou aparecer. Ela cantava... Viam ela na praia. Todos os pescadores, praticamente, ao meio dia, às seis horas da manhã, eles viam Maria Rosinda.

Agora ela não aparece mais, não. Porque o pessoal, os antigos dizem assim: antes, aparecia muita gente, muitas embarcações, muitas! Depois disso, sumiu; eles nunca mais viram aparecer.

Quem contava eram os mais antigos, que hoje em dia já são falecidos.

# Seu Norato

*Maria Régis Santana, Aldeia Aningalzinho, Rio Arapiuns*

Tenho 65 anos de idade, sou do povo Tupaiú. Eu quero contar um pouco dos pajés que, naquela época, faziam trabalho, baixavam espírito, recebiam espírito. Eu lembro bem do pajé que recebia o espírito do Seu Norato.

O seu Norato foi um, um, um... Um homem, uma pessoa encantada. Quebraram o encanto dele. Depois, ele ainda trabalhou muito, muito, muito, muito. Depois, ele morreu e ficou o espírito que baixava nos pajés. Então, quando ele vinha *pra* baixar no pajé, a música dele, o hino dele era assim:

*Eu vou chamar o seu Norato*

*Vou chamar o seu Norato*

*Para ver o que me dói*

*Para ver o que me dói*

*Se curar minha cabeça*

*Se curar minha cabeça*

*Cura meu corpo também*

*Cura meu corpo também*

Com essas coisas que, antes, existiam, e que a gente

consumia bastante, a gente vivia mais, tinha mais vida. Porque os mortos vinham e ensinavam medicação, benziavam, rezavam, faziam oração na pessoa, e, com a fé que a gente tinha e tem até agora, a gente ficava curado, ficava bom. Era muito difícil morrer, assim, como morre agora, que morre um atrás do outro. E é isso.



# Noratinho e Mariinha

Gracinha Pedrosa, Pinhel, Rio Tapajós

Noratinho e Mariinha eram dois irmãos. A Mariinha e o Noratinho eles eram... Eles se criaram... Eles foram formados num ovo!

Uma senhora, andando pela beira do lago, ela encontrou dois ovos. Ela pegou esses dois ovos, levou *pra* casa dela, pegou um pano e guardou num canto. Passaram os dias, e ela e o marido dela foram *pra* roça. Eles foram *pra* roça, a mulher e o marido foram *pra* roça. Aquele ovo ficou lá, parece que já *tava* pra nicar. Quando chegaram, encontraram uma mulher que tinha passado lá pela casa deles. Ela disse ao casal que viu duas crianças brincando ao redor da casa deles.

- *Tavam* brincando de pira<sup>1</sup>. Um corria *pra* um lado, outro corria *pra* outro, brincando.

Quando foi outro dia, essa mulher chegou para a outra e disse assim:

- Mas cadê os teus filhos? Ontem eu passei aqui, e as crianças *tavam* brincando.

- Ah, tenho criança, não.

---

1 Brincadeira infantil, mas pode ser também um ferimento na pele, sarna, uma coceira causada por má higiene ou escabiose. Pira vem do Tupi (pi = pele), onde pirai significava pele doente, mal de pele, lepra. Pira não se confunde com pirá, que é peixe [que vai dar em pirá-caia, pirá-cuí etc.]

- Tem, tem, aqui tem criança. Presta atenção, que aqui tem criança. Tem duas crianças, um casal.

- Ah, eu vou lá *pro* centro.

Ela pensou: “eu vou é fazer que eu vou lá no centro, e eu volto”. E ela foi *pra* roça dela. Mas ela voltou rapidinho, ela e o marido. Quando elas chegaram, as crianças *tavam* rodando e gritavam: *coicocoo, coicocoo!* Brincando! Ela foi lá no canto e disse:

- Marido, são aqueles ovos que eu tirei, tão nicados.

Só *tava* a capa dos dois ovos. E as crianças *tavam* brincando! Quando as crianças se deram com ela<sup>2</sup>, eles ficaram *tudo* abismado. Ficaram lá se olhando, um *pra* outra.

- Vem cá, da onde vocês vieram?

- Nós *mora* aqui, nós moramos aqui com a senhora, nós moramos aqui. Eu sou Maria e esse aqui é Noratinho.

O casal começou a pensar e a conversar, a dialogar um com o outro:

- Pois, olha, esses dois ovos que nós tiramos, são essas crianças que estão aí.

- É, eles mesmos! Quer ver? Nós vamos prestar atenção.

Eles foram direto *pro* canto deles.

E as crianças foram crescendo, foram crescendo, foram multiplicando, foram crescendo. Quando já ficaram formados, aí

---

2 Quando as crianças a viram.

o Noratinho já começava a sair *pras* festas. A Mariinha também. Foi então que começou a tocar a música dele. Ele ia numa festa, tinha o violão, ele pegava e tocava aquela música dele *pra* lá. E eles ficavam só observando. Quando foi um dia, ele arranhou uma namorada. A namorada disse assim: “hoje eu vou pegar fulano, eu vou dormir com ele”.

Então, o Noratinho, depois da festa foi descansar no quarto. Dizem que, quando ela chegou lá e abriu a porta do quarto, ela viu aquele monte de cobra no canto da casa. *Tavam* piscando, piscando de um lado *pra* outro, olhando. Aí, ela disse:

- Meu Deus, será que o fulano mora mesmo aqui? Será que ele se *ingerou pra* uma cobra? Será que *ingerou pra* uma cobra?

Então, ela voltou e foi contar *pra* turma. Passou o tempo, na outra festa ela disse:

- Hoje eu pego ele de novo!

Ela foi *na* festa de novo e, quando chegou lá, contou *pra* uns ali:

- Tu queres ver quem ele é? Pega uma estearina<sup>3</sup>, coloca no canto do olho dele. Não faz ele cego. Só no canto do olho dele, de um lado e de outro. Assim vai ver quem ele é.

Diz que ela fez isso com ele. Mas a Mariinha ficou *pra* outro lado. Então, quando ela voltou *pra* casa da mãe dela, ela falou:

- Mamãe, o *mano* ficou lá, assim, assim, assim... Ele ficou *bêbo*. O *mano* ficou *bêbo*.

3 Vela comum de cera, do tipo mais fino, usada para iluminação emergencial, para botar nas mãos do agonizante ou para a iluminação no Dia de Finados. No caso, sugere-se que a moça ponha um pouco de cera no canto do olho do namorado.

Ele não voltou, porque ele pegou<sup>4</sup> o que o namorada tinha feito. Ela seguiu o conselho do pessoal, pegou a estearina, pingou no olho dele: *tchan, tchan*. Ele, percebendo o que tinha acontecido, disse *pra* ela:

- Olha, se tu quiseres me ver, tu *vai* me ver no igarapé. Tu *vai*, leva um par de roupa *pra* mim lá naquele igarapé no porto de casa. Tu *vai* jogar três pedras em cima do meu chifre, e eu vou me desencantar.

Ele ia desincorporar. Ele ia *se ingerar* gente.

Diz que a irmã dele é que fez isso *pra* ele. A namorada dele conversou com ela, e as duas foram na beira do igarapé. Aí, veio aquele monte de cobra. Como já *tava* certo, a menina pegou as pedras. A primeira acertou, a segunda acertou, a terceira acertou. Então, ele pulou fora e desencantou, se desencantou. Ele se balançou e disse assim:

*Noratinho está na terra  
Com vontade de comer  
Não tem pato nem galinha  
Para Noratinho comer*

É a cantiga do Noratinho!

---

4 Percebeu, entendeu.



# Pedra da Jandira encantada

*Gracinha Pedroso, Pinhel, Rio Tapajós*

Ali na comunidade de Samaúma tem um encanto onde foi encantada uma menina. Com treze anos, ela foi encantada.

Um dia faltou água na casa dela e os pais saíram *pra* roça. Quando faltou água, ela foi pegar um balde com água lá no porto. Chegou lá, ela pisou em cima numa pedra e a pedra deu de andar com ela. Andou, ela andou, ela andou. Quando a mãe chegou da roça, a água já *tava* na cintura dela. A mãe se espantou:

- Minha filha!

Pegaram a canoa e foram pegar ela. Tinha um bem-te-vi que cantava na cabeça dela. Ele cantava: *Bem te vi! Bem te vi!*

A menina se encantou com todo o passarinho na cabeça dela. Passou o tempo, ela se encantou naquela pedra. Por muitos tempos ela retornou. Ela cantava a cantiga dela:

*Mamãe, não chorem por mim*

*Que um dia eu voltarei*

*A pisar em cima da pedra*

*Onde eu lá já passei*

*Mamãe, não chorem por mim*

*Porque eu voltarei*

*A pisar em cima da pedra*

*Foi lá que eu me encantei*

Ela é Jandira, o nome dela é Jandira. Ela baixa nos trabalhos. E ela canta, tão triste, eu acho. Ela chora e canta essa doutrina dela. Triste! Triste! Ela chora...

# A equipe

Neste livro trabalhou uma equipe de dois antropólogos e quatro estudantes que ingressaram no projeto quando faziam os estudos interdisciplinares que antecedem as disciplinas específicas do curso de Direito – área de formação que escolheram, no terceiro semestre da vida universitária. Curiosa composição, diante de uma tradição acadêmica em que advogados costumam se interessar mais pela veracidade dos depoimentos que pela riqueza das versões das narrativas populares – sobretudo em se tratando de relatos como os que aqui se apresentam. No entanto, esses estudantes, devido a suas origens interioranas ou convivência com pais e avós com larga vivência interiorana, se mostraram muito sensíveis ao material oral coligido para este livro. Estabeleceram, pois, uma relação afetiva com os casos narrados, e foram constantemente inspirados por memórias de histórias que haviam escutado anos atrás, que os remetiam a experiências próprias ou de familiares, de quem *realmente* viu ou viveu casos semelhantes aos que se trabalhavam. Dessa forma, a equipe se mostrou duplamente interessada pelas narrativas – do ponto de vista intelectual e afetivo – e impregnada por crenças e representações tradicionais do encantamento na Amazônia, que se mantém vivas mesmo na cidade.



## *Florêncio Almeida Vaz Filho*

Nasci e passei minha infância em Pinhel (Município de Aveiro), uma das mais antigas aldeias indígenas no baixo rio Tapajós. Desde cedo fui iniciado na tradição das histórias, dos mitos e crenças ligadas aos *encantados*. Todo começo de noite, cada um na sua rede, ao redor de uma fogueirinha chamada *mãe do fogo*, escutávamos os relatos de nossos pais e avós. Dava medo, mas era muito bom. Dormíamos escutando histórias. Assim, desde que me entendo por gente, *visagens*, assovios do Boto, Pai do igarapé, pássaros agourentos, gente que *seingera*, tudo isso para mim é muito familiar e faz parte do meu mundo. Depois, estudei filosofia e teologia, tornei-me frade franciscano, fiz a graduação em Ciências Sociais (UFRJ), mestrado em Desenvolvimento e Agricultura (CPDA/UFRRJ) e doutorado em Ciências Sociais/Antropologia (PPGCS/UFBA), sempre estudando a história, o modo de vida e a cultura das *comunidades* do interior do Baixo Tapajós. Deparei-me com muita depreciação e discriminação sobre este nosso modo de pensar. E isso reforçou minha escolha de fazer desta questão um dos objetos dos meus estudos. Fruto do conhecimento acadêmico adquirido e do despertar para a defesa do território e da história dos nossos povos, propus, em 1997, e ajudei a criar a Resex Tapajós-Arapiuns. No mesmo ano, junto com alguns amigos, criei o Grupo Consciência Indígena (GCI), que muito tem ajudado no processo de valorização de uma identidade local e na reorganização étnica indígena na região. Incentivamos a história e a cultura dos povos indígenas e *comunidades* ribeirinhas através de várias atividades, como as Caravanas e Encontros da Cabanagem, em Cuiquiranga. Foi também neste sentido que criei em 2007 o programa de rádio A Hora do Xibé. Como professor na UFPa/UFOPA, procuro envolver os alunos nesta realidade que, apesar de estar muito próxima da cidade de Santarém, ao mesmo tempo parece muito distante. Este tem sido meu bom combate.

### *Luciana Gonçalves de Carvalho*

Nasci no Rio de Janeiro, em 1973. Surgiu na infância o gosto por narrativas que, mais tarde vim reconhecer e estudar sob os conceitos de mitos, histórias maravilhosas, contos de fada, *causos*, histórias de *trancoso* ou de assombração. Durante os cursos de mestrado e doutorado em Antropologia, na UFRJ, dediquei-me a estudar diferentes expressões do amplo universo narrativo e performático da cultura popular, em meios urbanos e rurais, principalmente no Rio de Janeiro e no Maranhão. Em 1998 conheci Santarém e algumas de suas comunidades ribeirinhas, a convite do colega Florêncio Vaz. Desde então, foi se conformando o interesse pelas histórias de botos, mães d'água, curupiras, juruparis e muitos outros elementos “descobertos” ao longo de inúmeros trabalhos de campo na região, onde finalmente me fixei em 2010 para atuar como professora de Antropologia. Nessa função, continuo escutando e lendo histórias como aquelas que me encantavam na infância, além de orientar alunos que compartilham do mesmo gosto.

### *Greyce Helen Lira Vidal*

Nasci em 1994 na cidade de Santarém. Que Cristo abençoe esta cidade! Para quem é desta região, as histórias com as quais tivemos contato no projeto A Hora do Xibé são bem comuns. Pelo menos, são familiares para mim, que tenho avós maternos e paternos vindos, respectivamente, da região do Aritapera e do Carariacá, na várzea do Rio Amazonas. Sempre tive certo contato com essas histórias, desde criança, quando ouvia meus parentes falarem ou quando eu mesma participava das aventuras da minha família no Aritapera, na Cabeça d'Onça e no Carariacá. Estar nesse projeto é aprender um pouco mais de tudo aquilo que já

conhecia. Shalom a todos! Shalom significa paz interior ou entre duas entidades. Desejar Shalom a alguém é como abençoá-lo, é desejar-lhe a paz de Deus.

### ***Hérico Felipe Bastos Pereira***

Nasci em 1992 na cidade de Santarém. Quando criança, era comum ouvir histórias sobre encantados, contadas por meus avós. Meu avô nasceu em Alter do Chão, viveu no Paracari, em seguida morou na barreira do Tapará e depois em Salvação; já a minha avó é da região do Aritapera. Estas terras são riquíssimas em narrativas que envolvem o imaginário e a realidade cotidiana dos moradores. Apesar de nunca terem visto nenhum dos seres encantados dos quais falavam, meus avós transmitiam tanto realismo quando contavam suas histórias que me revelaram um mundo diferente, que transcende o plano físico em que vivemos. Era um universo novo que me fazia maravilhado, embora às vezes assustado com certas histórias mais assombrosas. Acostumei-me a ouvir e imaginar os contos de Curupira, Jurupari e Boto, entre outros. Cresci tendo ciência desses encantados, e até hoje gosto de escutar histórias sobre eles. Assim, por meio dos relatos que tive o prazer de ouvir e transcrever como voluntário do projeto A Hora do Xibé, pude aprofundar meus conhecimentos sobre esses seres – e ainda descobrir outros que não conhecia.

### ***Kamila Poliane Pereira de Melo***

Nasci em Alenquer, no interior do Pará, em setembro de 1987. A paixão e a curiosidade por histórias e contos fantásticos começaram muito cedo, talvez como reflexo da convivência muito próxima que tive, sobretudo durante a infância e a adolescência, com as minhas avós, principalmente a paterna, a senhora Angélica

Mélo. Ela era filha de pai pescador, e sua mãe era benzedeira. Logo, suas histórias sobre boto, cobra grande e curupira eram quase sempre frutos de sua experiência pessoal, uma vez que ela foi criada em ambiente de várzea, o que favoreceu o contato direto com “curiosas experiências”. Até ela mesma foi “vítima” de encantados – ela contava. Por isso, ela lhes devotava um respeito muito grande, sobretudo à curupira. E esse respeito era tão forte e contagiante, que eu o internalizei e trouxe para a vida adulta o fascínio pelas histórias da nossa região. Logo, a oportunidade de trabalhar nesta publicação me trouxe uma satisfação enorme, pois proporcionou a convivência com esse universo narrativo no qual eu fui criada. Este projeto, a meu ver, é essencial não só para a valorização da memória, mas também das crenças locais. Afinal, expressá-las e preservá-las é reconhecer um direito da população local. Portanto, sinto-me agraciada pela oportunidade de ajudar a contar os contos da nossa região.

*Katrine Soraia Silva de Almeida Lins*

Sou pinta-cuia de coração, e disso tenho muito orgulho. Nasci em 1994 e cresci na margem esquerda do rio Gurupatuba, brincando de pira-pega, três Marias e elástico, e escutando histórias maravilhosas da Cobra Grande do rio que margeia Monte Alegre, das mães dos poços e igarapés, da guariba que habita as matas da redondeza. Velhos e bons tempos foram esses! O tempo foi passando, e as histórias que com frequência eu escutava foram ficando para trás, deixando apenas na lembrança aqueles bons momentos. Até que, porventura, tive a oportunidade de integrar a equipe de voluntários do projeto A Hora do Xibé. Foi um privilégio imenso compartilhar momentos de aprendizagem e companheirismo com os colegas e nossos orientadores, por isso agradeço a todos a cada instante.

## *Paulo Botelho*

Sou natural do interior do Estado de São Paulo. Com a formação em magistério, concluída ainda em São Paulo, mudei-me para o Estado do Pará, onde cheguei a trabalhar por alguns anos como professor. Em 2012 decidi morar no município de Santarém, a fim de cursar o nível superior em uma universidade federal, no caso, a Ufopa. Durante a fase inicial de estudos interdisciplinares, que antecedeu minha entrada no curso de Gestão Pública, conheci o projeto “A Hora do Xibé” e a proposta de participar voluntariamente da edição deste livro. Como sou autodidata na arte de desenhar, propus-me a ilustrar as cenas das histórias selecionadas pelos demais colegas participantes do projeto. Os desenhos feitos a partir da leitura dos relatos foram confeccionados à “mão livre” com contrastes de branco e preto. Este trabalho me levou a reelaborar as referências que tinha das entidades conhecidas no Sudeste, Centro-Oeste e Sul do país, como sacis, curupiras e outras com as quais eu estava mais familiarizado. Para que as ilustrações se enquadrassem na representação nativa dessas e outras entidades, de acordo com a tradição local, foi preciso conhecer os modos como os nativos da Amazônia as concebem e veem. Assim, desenvolvi uma nova perspectiva dos saberes locais que geralmente são designados como folclóricos, observando como eles se moldam às realidades ambientais e culturais de cada povo e de cada local do Brasil.

